



SYDNA MEIRE FAUSTINO FELICIANO

**PROFESSORES EM FORMAÇÃO: UMA DISCUSSÃO SOBRE FORMAÇÃO  
CONTINUADA E TRANSFORMAÇÃO DAS PRÁTICAS DOCENTES**

Orientadora Prof.<sup>a</sup>. Dra. Jurema Rosa Lopes

**Duque de Caxias/RJ**

**2018**



SYDNA MEIRE FAUSTINO FELICIANO

**PROFESSORES EM FORMAÇÃO: UMA DISCUSSÃO SOBRE FORMAÇÃO  
CONTINUADA E TRANSFORMAÇÃO DAS PRÁTICAS DOCENTES**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Humanidades, Culturas e Artes.

Orientadora Prof.<sup>a</sup>. Dra. Jurema Rosa Lopes

**Duque de Caxias/RJ**

**2018**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE/BIBLIOTECA - UNIGRANRIO**

Sydna Meire Faustino Feliciano

**Professores em Formação: uma discussão sobre formação continuada e transformação das práticas docentes.**

Exemplar apresentado para avaliação pela banca examinadora em

03/04/2018

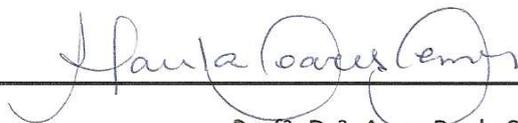
Aprovado pela banca examinadora:



---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jurema Rosa lopes  
Orientadora

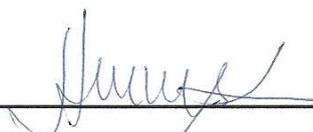
UNIGRANRIO



---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Anna Paula Soares Lemos  
Examinador Interno

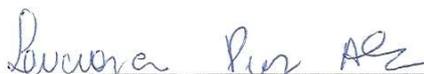
UNIGRANRIO



---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Haydée Maria Marino de Sant'Anna Reis  
Examinador Interno

UNIGRANRIO



---

Prof. Dr. Luciana Pires Alves  
Examinador Externo

UERJ

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta pesquisa ao meu filho Miguel Faustino Feliciano que por diversos momentos tive que me fazer ausente para produzir esta pesquisa, mas no futuro, ele irá entender a importância dos estudos para sua formação. Dedico também à minha família, aos meus amigos e, principalmente, ao meu marido Roberto Souza Feliciano, por ser um dos meus principais incentivadores e estar ao meu lado em todos os momentos.

## AGRADECIMENTOS

Para que esta pesquisa pudesse ser concluída, foi determinante o meu empenho pessoal, mas gostaria de expressar minha gratidão a algumas pessoas que colaboraram em diversos momentos:

A minha orientadora professora doutora Jurema Rosa Lopes pela paciência, compreensão e incentivo, pelos conselhos sempre úteis que, sabiamente, orientou esta pesquisa.

Aos meus pais Sidney Irineu Faustino e Vera Lúcia José Faustino que sempre foram meu espelho no que se refere a educação escolar e a educação como um todo.

Ao meu marido Roberto Souza Feliciano que sempre me apoiou e incentivou em todos os momentos.

Ao meu filho Miguel que mesmo sem saber a importância desta pesquisa, foi fundamental para que eu pudesse concluí-la.

As minhas irmãs Sylvi e Shely pelas palavras de apoio, incentivo e auxílio nos cuidados com Miguel.

Aos meus amigos pelo incentivo e pela torcida para que tudo desse certo.

A minha amiga Margareth da Paixão que iniciou o programa comigo, mas não pode continuar e mesmo com seus desafios pessoais, esteve sempre ao meu lado me apoiando e incentivando.

As professoras da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo que contribuíram com suas narrativas para a construção desta pesquisa.

Aos professores e aos colegas do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – PPGHCA

A Meire Rezende gestora da unidade onde trabalho pela compreensão em minhas ausências e apoio para que eu seguisse com a pesquisa.

A Deus por me permitir trilhar os caminhos que escolhi com saúde, paz e sabedoria.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE 2011, p.31-32)

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar de que maneira a formação continuada contribui para a transformação da prática docente. Para tal, procuramos investigar junto aos professores quais as concepções que esses têm sobre a construção dos saberes docentes e a transformação das práticas a partir da formação continuada. O campo empírico foi a Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo e os dados foram coletados através de um questionário e uma entrevista semi estruturada junto as cinco professoras do primeiro segmento do Ensino Fundamental da referida escola. O embasamento teórico foi à luz dos autores Bakhtin(2017), Clandinin e Connelly (2015), Contreras(2012), Imbernón(2010), Josso(2009), Nóvoa(2013), Souza e Mignot(2008) Tardif(2014), entre outros, no que se refere as narrativas docentes e formação continuada. Evidenciamos o contexto da pesquisa, o lócus, os sujeitos da pesquisa e suas narrativas. Os resultados mostram que os professores têm consciência que a formação continuada contribuiu para a transformação das práticas pedagógicas. Assim, podemos concluir que as práticas docentes são construídas a partir dos cursos de formação e das trocas de experiências vivenciadas não só no contexto escolar como também em outros espaços.

Palavras-chave: Formação. Formação Continuada. Práticas Docentes.

## **ABSTRACT**

This research had as objective to analyze in what way continuous formation contributes to the transformation of the teaching practice. To this end, we seek to investigate with teachers the conceptions they have about the construction of teaching knowledge and the transformation of practices from continuing education. The empirical field was the Municipal Expeditionary School Aquino de Araújo and the data were collected through a questionnaire and a semi structured interview with the five teachers of the first segment of Elementary School. The theoretical basis was in the light of the authors Bakhtin (2017), Clandinin and Connelly (2015), Contreras (2012), Imbernón (2010), Josso (2009), Nóvoa (2013), Souza and Mignot , among others, with regard to teaching narratives and continuing education. We show the context of the research, the locus, the subjects of the research and their narratives. The results show that teachers are aware that continuing education has contributed to the transformation of pedagogical practices. Thus, we can conclude that the teaching practices are built from the training courses and exchanges of experiences experienced not only in the school context but also in other spaces.

**Keywords:** Training. Continuing Education. Teaching Practices.

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 01 - Mapa do Município de Duque de Caxias

FIGURA 02 - Foto da E. M. Expedicionário Aquino de Araújo na década de 1940

FIGURA 03 - Foto da E. M. Expedicionário Aquino de Araújo na atualidade

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

APAEP - Associação de Pais e Amigos da Escola Pública

DC - Duque de Caxias

CPFPPF - Centro de Pesquisa e Formação Continuada Paulo Freire

E.M. - Escola Municipal

FAETEC - Fundação de Apoio à Escola Técnica

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

RJ - Rio de Janeiro

SME - Secretaria Municipal de Educação

PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica

PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PME - Plano Municipal de Educação

PNE - Plano Nacional de Educação

UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFF - Universidade Federal Fluminense

UNIGRANRIO – Universidade do Grande Rio

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>A NARRATIVA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO</b>	<b>16</b>
2.1	A narrativa e a pesquisa	18
2.2	(Auto)biografia	21
2.3	Tecendo minhas narrativas	22
2.4	Ser professor	31
<b>3</b>	<b>O CONTEXTO DA PESQUISA</b>	<b>37</b>
3.1	Localização geográfica do município de Duque de Caxias	38
3.2	Breve história do município de Duque de Caxias	38
3.3	Educação no município de Duque de Caxias	42
3.3.1	O Centro de Pesquisa e Formação Continuada	43
3.3.2	O Plano Municipal de Educação de Duque de Caxias	44
3.4	A Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo	46
3.4.1	A Escola na atualidade	47
3.5	As professoras da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo	48
3.6	A chegada à Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo	49
<b>4</b>	<b>AS NARRATIVAS: ENTRECruzando HISTÓRIAS (RE)CONSTRUINDO SABERES</b>	<b>52</b>
4.1	O encontro com as professoras da E. M. Expedicionário Aquino de Araújo	52
4.2	Motivações para a escolha da profissão docente	56
4.3	Os espaços de formação do professor	60
4.4	Concepções docentes sobre formação continuada	64
4.5	A formação continuada e a melhoria da prática docente	67

4.6	Reflexões sobre a construção dos saberes docentes e a formação continuada	69
4.7	A formação continuada e a transformação das práticas docentes	71
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>78</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>81</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>84</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>86</b>

## 1 - INTRODUÇÃO

A nossa investigação "Professores em formação: uma discussão sobre formação continuada e transformação das práticas docentes" surgiu das inquietações geradas a partir da minha iniciação como docente, na rede pública de ensino, no município do Rio de Janeiro que teve início em 2010. A partir desse momento, comecei a vivenciar uma realidade totalmente diferente a qual estava acostumada, na rede privada, onde já atuava há seis anos. Tudo parecia ser novo e desconhecido, apesar das experiências anteriores, então comecei a conversar com os professores e demais funcionários da escola para entender como funcionava a escola e também trocar saberes, práticas e experiências. Essas conversas e trocas contribuíram significativamente para que eu refletisse e reconstruísse, aos poucos, minhas práticas, pois essas já não eram mais suficientes para atuar com as demandas daquela escola.

Chego a pensar que minha permanência na escola se deu por eu tentar compreender essa realidade existente e mudar meu modo de pensar e agir, pois algumas professoras que entraram na mesma época que eu, acabaram desistindo por ser uma escola "difícil", quando falo em difícil, quero dizer no sentido de estar localizada dentro de uma comunidade em Vigário Geral, onde a maioria dos alunos além de serem muito carentes são também muito agressivos.

Desde que iniciei no magistério, até os dias de hoje, continuo com alguns questionamentos em relação aos saberes adquiridos através das experiências vivenciadas no cotidiano escolar, se essas são suficientes ou se são realmente necessários cursos ou formações específicas de formação continuada para a (re)construção dos saberes e transformações das práticas, pois alguns professores não a acham necessária, outros já a consideram importantíssima e fundamental para a melhoria das práticas e da qualidade do ensino.

Contudo, perante as observações realizadas no contexto escolar, comecei a perceber que havia certo desencanto pela profissão, por parte de alguns professores, pois pareciam não gostar quando os professores recém chegados ou até mesmo os mais antigos tentavam fazer atividades novas, diferente do que estavam acostumadas, e assim seguiam sempre atuando de maneira mecânica, repetindo as mesmas práticas, sem muito interesse e entusiasmo pelo que faziam. Essa situação me faz pensar sobre a importância de problematizar nossa prática e o papel da formação continuada na vida dos professores porque acredito que é através dessa que

podemos ressignificar os saberes, compartilhar as experiências e melhorar as práticas de ensino.

Assim, comecei a questionar a formação continuada, questão central desta investigação, pois foi através das narrativas dos professores que faziam parte do meu contexto escolar que me despertou o interesse pela formação continuada. Desse modo, as narrativas serão de suma importância para compreendermos um pouco mais sobre as experiências de vida dos professores e as variedades de práticas acumuladas pelos mesmos ao longo de suas trajetórias, possibilitando nos descrever os caminhos e os sentimentos vivenciados no exercício da docência.

Contudo, ressaltamos que o cotidiano escolar não é o mesmo que em décadas atrás, as informações estão cada vez mais acessíveis e rápidas e com isso, os professores necessitam acompanhar e trabalhar com essa realidade, atuando de maneira que atenda as demandas que são advindas da sociedade. Portanto, cada vez mais o professor tem a necessidade de ressignificar sua prática, para que possa atuar de maneira mais significativa na vida dos educandos, pois ele não deve ignorar o que acontece ao seu redor, limitando-se aos conteúdos de sua disciplina. Por isso, acreditamos que através da formação continuada os professores têm a possibilidade de refletir sobre prática, em um processo de interação e (re)construção dos saberes. Diante dessas reflexões, surgiu a seguinte questão: *Como a formação continuada pode contribuir para a transformação da prática docente?*

Em consequência da questão principal da pesquisa, surgiram outras questões que também serão analisadas na busca de possíveis respostas. São elas: A formação continuada é fundamental para a melhoria da prática docente? Quais são os espaços de formação continuada? Quais as concepções que os professores têm a sobre construção de saberes docentes a partir da formação continuada?

A partir desses questionamentos, o objeto desta pesquisa é a formação continuada dos professores e o lócus da investigação é a Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo, localizada no município de Duque de Caxias, no sentido de tornar visíveis os processos de formação continuada e as práticas que são desenvolvidas pelos docentes, compreendendo suas atividades e estratégias a fim de transformar e melhorar as práticas docentes.

Para responder tais questionamentos foram traçados alguns objetivos para dar encaminhamento a construção desta pesquisa. Tendo como objetivo geral analisar de que

maneira a formação continuada contribui para a transformação da prática docente. E como desdobramento desse objetivo, apresentamos os específicos: Investigar, junto aos professores e equipe pedagógica, como a formação continuada pode transformar a prática docente; conhecer, junto aos profissionais docentes e equipe pedagógica, os espaços de formação continuada; verificar a concepção dos professores sobre a construção de saberes docentes a partir da formação continuada.

Dessa forma, nossa pesquisa pretende trabalhar com narrativas de professores com o objetivo de refletir sobre a formação docente e a formação continuada e como essa é fundamental na construção de novos saberes e de novas práticas de ensino. Para alcançarmos os objetivos propostos, fundamos nossa investigação na perspectiva da abordagem qualitativa. Para a coleta de dados, utilizaremos um questionário e um roteiro de entrevista objetivando coletar informações referentes a formação inicial e ao tempo de exercício no magistério e entrevistas a fim de construir as narrativas docentes.

Nesse percurso, para o desenvolvimento das reflexões utilizamos as contribuições de Bakhtin(2017), Clandinin e Connelly (2015), Contreras(2012), Imbernón(2010), Josso(2009), Nóvoa(2013), Souza e Mignot(2008) Tardif(2014), entre outros, com o propósito de refletir sobre as narrativas e compreender os processos de formação continuada na dimensão pessoal e profissional no contexto das relações que envolvem os conhecimentos, as crenças, os valores, as culturas, as práticas, tecendo, assim, a construção de algumas (auto)biografias que contribuirão para o norteamto da nossa pesquisa.

Nessa perspectiva, trabalhamos com a formação continuada fundamentada em processos de desenvolvimentos, abrangendo sempre o contexto no qual os professores estão inseridos, pois sabemos que a prática docente também se modifica e se aprimora a partir das reflexões, discussões, experimentações em conjunto e dialeticamente com o grupo. Com isso, as narrativas são importantes para compreendermos como os professores compõem sua própria prática e a organizam a partir de suas experiências.

Para tal estudo, selecionamos cinco professoras da Escola Municipal Expedicionário Aquino da Araújo que atuam no primeiro segmento do Ensino Fundamental, do primeiro ao quinto ano. Essa escolha foi realizada de maneira intencional visto que as mesmas encontram-se presentes durante toda a semana na escola, de segunda a sexta-feira, no turno da tarde, sendo, assim, seria mais fácil para a realização das entrevistas, diferentemente dos professores

do segundo segmento do ensino fundamental que atuam apenas em alguns dias na escola e com horários variados.

É oportuno ressaltar que a formação continuada é um processo contínuo que tem início na formação inicial e se estende por toda vida profissional. Mizukami (1996, p.47) ratifica que o processo de aprender a ensinar, ou seja, de aprender a ser professor, é um processo de longa duração, que somente tem início, sem final pré estabelecido.

É válido destacarmos que nossa pesquisa é de caráter interdisciplinar, fundamentada em narrativas docentes que nos possibilitam a interlocução de diversas perspectivas. Gadotti (2000) afirma que articular saber, conhecimento, vivência, escola, comunidade, meio ambiente, etc., tornou-se, nos últimos anos, o objetivo da interdisciplinaridade que se traduz, na prática, por um trabalho coletivo e solidário na organização da escola.

Muitas vezes, ao pensarmos em interdisciplinaridade, fazemos uma relação direta com as disciplinas escolares, mas na verdade essa troca de saberes e vivências que ocorrem no cotidiano da escola e na sociedade também são de caráter interdisciplinar e nossa pesquisa faz uma análise das narrativas docentes em consonância com as contribuições teóricas e está centrada nas experiências narradas pelas professoras, relacionando a trajetória dessas com a compreensão do que vem a ser a formação continuada.

Nosso projeto de pesquisa “Professores em formação: uma discussão sobre formação continuada e transformação das práticas docentes” foi enviado ao CEP/ no dia 30 de março de 2017, tendo sido aprovado pelo CEP no dia 22 de junho de 2017, protocolada sob o número de CAAE 66588717.9.0000.5283, após essa aprovação demos início no nosso campo empírico que foi a Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo e a partir das narrativas produzidas pelas professoras, iniciamos as reflexões e análises.

A pesquisa foi dividida em quatro seções. A primeira seção trata-se da introdução a qual buscamos apresentar a nossa proposta de pesquisa e nossos objetivos. A seguir, na segunda seção, discutimos sobre a utilização da narrativa como metodologia e fonte de pesquisa, a escrita autobiográfica, a minha narrativa e reflexões sobre o que é ser professor. Na terceira seção, apresentamos o contexto da pesquisa onde detalhamos alguns aspectos importantes sobre o município de Duque de Caxias, no que se refere a localização, a história, a educação escolar, o Centro de Pesquisa e Formação Continuada e o campo empírico que é a Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo. Na última seção, analisamos as narrativas

docentes entrecruzando com nossos saberes e com o referencial teórico estudado, tecendo reflexões sobre a escolha da profissão docente, sobre os espaços de formação e a construção dos saberes docentes e, por conseguinte sobre a formação continuada e a transformação das práticas de ensino. A esta seção seguem-se a conclusão deste trabalho, bem como as referências bibliográficas, anexos e apêndices.

## **2 - A NARRATIVA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO**

No cenário contemporâneo, as pesquisas em educação vêm utilizando as narrativas de professores como uma metodologia de investigação da formação docente e de suas práticas. O método e a pesquisa sempre têm como ponto de partida a experiência contada, entrelaçada às teorias que informam as escolhas metodológicas, bem como a concepção de experiência presente no estudo.

Acreditamos que as narrativas nos permitem conhecer as experiências e as marcas acumuladas ao longo do tempo na história de vida dos docentes. De acordo com Clandinin e Connelly (2015, p.27) "a pesquisa narrativa tornou-se um caminho para o entendimento da experiência." E é através do viés das experiências docentes que procuraremos desvelar os caminhos de formação continuada traçados pelas professoras da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo.

Clandinin e Connelly(2015, p.75) afirmam que a contribuição de uma pesquisa narrativa está mais no âmbito de apresentar uma nova percepção de sentido e relevância acerca do tópico de pesquisa, que em divulgar um conjunto de declarações teóricas que venham somar ao conhecimento na área. Desse modo, pesquisar a respeito da formação continuada através das narrativas, nos permite conhecer os sentidos que atribuem a ela, possibilitando entender o motivo pelos quais os professores agem de certa forma e incorporam determinadas práticas.

Uma vez que nosso foco é voltado para a formação continuada e as transformações das práticas docentes, as narrativas contribuem para compormos os significados referentes às experiências vivenciadas pelos professores. Nessa perspectiva, Franco (2016) faz uma importante reflexão sobre as formas de registrar os dados da pesquisa:

De todo pesquisador se espera algum registro das observações e da análise dessas é que chega à produção de um conhecimento. Pois não podemos discordar que o modo como o pesquisador está em

campo, colhe os dados, os registra e analisa é o próprio método – impossível desvencilhá-lo da escrita. (FRANCO, 2016, p.15)

As narrativas têm como base as histórias e experiências dos sujeitos, contemplando as questões relacionadas ao tempo, as ações e o contexto que estão inseridas. O fato de trabalharmos com sujeitos cujas histórias acontecem de maneira e em tempos diferentes, a pesquisa estará em constante e contínuo processo de transformação, uma vez que diz respeito à dinamicidade que envolve as histórias narradas. Mello (2005, p.99) afirma que a pesquisa narrativa propõe a questão da temporalidade, sempre olhando a experiência estudada com os olhos também voltados para as histórias passadas e as possibilidades das histórias futuras.

Tal como pensam Clandinin e Connelly (2015):

é importante considerar os personagens que vivem as histórias; os personagens que contam essas histórias; o momento em que cada história é vivida; o tempo em que foram ou são contadas; o local no qual as histórias são vividas e contadas e assim por diante (CLANDININ E CONNELLY, 2015, p.58).

Desse modo, ao trabalharmos com a pesquisa narrativa devemos considerar o contexto o qual estamos inseridos, respeitando a história de vida e as dinâmicas que orientaram a formação de cada indivíduo. Não devemos ignorar os saberes que os professores adquirem por meio da vivência coletiva, através das trocas realizadas com seus pares na escola ou na vida, dos cursos de formação que participaram, entre outros.

No pensamento narrativo, o contexto está sempre presente. Isso inclui noções tais como contexto temporal, espacial e contexto de outras pessoas. O contexto é necessário para dar sentido a qualquer pessoa, evento ou coisa (CLANDININ E CONNELLY, 2015, p.65).

Quanto a isso, Tardif (2014, p. 232) reforça que os saberes dos professores estão enraizados em sua história de vida e em sua experiência do ofício de professor. Portanto, eles não são somente representações cognitivas, mas possuem também dimensões afetivas, normativas e existenciais.

As narrativas, portanto, suscitam diversas possibilidades de interpretação, não no sentido de analisar de fora, como observador neutro, mas levando em consideração a experiência do pesquisador e do pesquisado, na medida em que as experiências anteriores de ambos se relacionam. Josso (2007) afirma que as narrações centradas na formação ao longo

da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plurar, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto.

Desse modo, através das narrativas pretendemos pesquisar os movimentos dos processos de formação dos professores. Levando sempre em consideração que os saberes e as práticas de cada professor são construídas ao longo de toda a trajetória docente, não como uma sequência de fatos, mas como um processo não linear que recebe influências do meio, não só em relação aos aspectos relacionados a prática pedagógica, como também ao meio social, psicológico e político.

Desta forma, para entendermos a importância da formação continuada na vida de cada docente é relevante sabermos o que os professores pensam a respeito da formação recebida, conhecer o que fazem como profissionais, como utilizam os conhecimentos partilhados nos cursos ou eventos de formação ao que tange sua prática no dia a dia nas salas de aula, possibilitando assim uma reflexão a cerca de sua formação e sua relação com a prática.

Assim, a construção de um repertório de conhecimentos relacionados a formação continuada e as práticas docentes serão baseados prioritariamente através das narrativas docentes que de acordo com Dewey (1938) *apud* Clandinin e Connelly (2015) entende que um critério da experiência é a continuidade, nomeadamente, a noção de que a experiência se desenvolve a partir de outras experiências e de que as experiências levam a outras experiências.

## **2.1 - A narrativa e a pesquisa**

Muitos pesquisadores têm escolhido a narrativa como metodologia de pesquisa, e segundo Barreiro (2014) há um crescente número de pesquisadores que publicam e participam do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) biográfica que em 2004, tinha um pouco mais de 100 participantes e em 2012, teve a participação de mais de mil pesquisadores. A pesquisa narrativa faz parte da abordagem da pesquisa qualitativa que tem como base o caráter subjetivo. Acreditamos que a escolha por esse tipo de pesquisa se deve ao interesse do pesquisador em adentrar nessas subjetividades dos sujeitos. O verbo narrar, segundo Ferreira (2001, p.481) significa *expor minuciosamente, contar, relatar*. Desse modo, entendemos que um dos principais objetivos da pesquisa narrativa é que essa nos dá a possibilidade de ouvir as experiências, as histórias e as práticas das pessoas envolvidas na pesquisa para que a partir

delas, possamos compor novos significados relacionando-os com as nossas próprias experiências.

Barbier (2002) faz uma discussão sobre a escuta sensível e afirma que:

A escuta sensível se apoia na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para poder compreender de dentro suas atitudes, comportamentos e sistema de idéias, de valores e símbolos e de mitos. (BARBIER, 2002, p.1)

E com essa intenção, utilizamos as narrativas docentes, pois nos aproxima dos sujeitos da pesquisa, nos permitindo conhecer o universo em que estão inseridos, através de seus relatos e de suas histórias de vida. Por isso, temos consciência que é muito importante saber ouvir, sendo realmente necessária essa escuta sensível trazida por Barbier (2002), pois muitas vezes estamos impregnados de conceitos e teorias e procuramos escutar aquilo que desejamos ouvir, não prestamos atenção ao que realmente o sujeito fala, mas sim ao que queremos ouvir.

Ainda nos apropriando das reflexões de Barbier (2002), achamos muito interessante quando ele afirma que a escuta sensível reconhece a aceitação incondicional de outrem. O ouvinte-sensível não julga, não mede, não compara. Entretanto, ele compreende sem aderir ou se identificar às opiniões dos outros, ou ao que é dito ou feito.

Destacamos que inicialmente, havíamos pensado na narrativa como uma metodologia de pesquisa, uma maneira de analisar o trabalho docente, mas com os estudos e as reflexões sobre a escrita narrativa e como acontece sua construção, percebemos que na verdade ela não é somente uma metodologia de pesquisa, ela é a própria pesquisa, não tendo um formato específico. Para ampliarmos um pouco mais nossas reflexões, recorremos a Certeau (2014):

Para explicitar a relação da teoria com os procedimentos dos quais é feito e com aqueles que abordam, oferece-se uma possibilidade: um discurso em histórias. A narrativização das práticas seria uma “maneira de fazer” textual, com seus procedimentos e táticas próprios.(CERTEAU, 2014, p.141)

Na verdade, as histórias das professoras seriam a narrativização das práticas, como mencionado por Certeau (2014) e essas narrativas nos ajudam a compreender melhor como as teorias e as práticas são vivenciadas pelas docentes. Não pretendemos fazer uma análise crítica das narrativas docentes, mas através dessas construirmos outras narrativas que possam auxiliar novas reflexões sobre a formação continuada dos docentes.

As ciências exatas são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma coisa e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a

coisa muda. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que ele tem só pode ser dialógico (BAKHTIN, 2017, p. 400).

Assim, devemos olhar os sujeitos da pesquisa, mais especificamente no nosso caso, os professores, como pessoas imbuídas de histórias e vivências que dialogam o tempo todo com o mundo e, principalmente, com seus pares. Desse modo, não podemos apenas considerá-los como meros objetos de pesquisa, ainda mais por se tratar de uma pesquisa narrativa, onde o diálogo é fundamental para compreendermos a si próprio e aos outros através do estudo das experiências.

Os estudos dessas experiências construídos através das narrativas são transformados em textos de campo que são utilizados na metodologia da pesquisa narrativa de diversas formas, com, por exemplo: autobiografias, cartas, diários, entrevistas, notas de campo, fotografias, caixas de memórias, entre outros. Clandinin e Connelly (2015) consideram que:

Os textos de campo são nossa forma de falar sobre o que é considerado como dados na pesquisa narrativa e tendo em vista que os dados tendem a carregar a ideia de representação objetiva de uma experiência de pesquisa, é importante notar quão imbuídos de interpretação são os textos de campo. (CLANDININ e CONNELLY, 2015, p. 134)

Entendemos, portanto, que os textos de campo são construídos a partir da relação vivida entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa que resulta em uma interpretação das histórias narradas em conjunto com as experiências do pesquisador, dando origem ao texto. O acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos. Bakhtin (2017).

Assim, os pesquisadores desenvolvem seu texto de maneira dialógica, atribuindo sentido as experiências vividas, de maneira não neutra, pois eles também estão inserido no contexto da pesquisa, produzindo novos conhecimentos e saberes a partir das experiências narradas. Ferreira (2013) acrescenta que:

Entendo que narrar é imbuir-se de dialogicidade, é uma forma de encontro com o outro. É contar uma história com a responsabilidade de um sujeito em um dado contexto uma vez que é marcada por uma temporalidade. Narrar tensiona a vida de um sujeito que conta uma história a qual está circunscrita em quem conta, no lugar de onde conta, no contexto a partir do qual conta (FERREIRA, 2013, P.38).

Nesse sentido, Clandinin e Connelly (2015) afirmam que na pesquisa narrativa, as pessoas são vistas como a corporificação de histórias vividas. Nessa perspectiva, ao

trabalharmos com a narrativa como metodologia de pesquisa, estamos buscando compreender essas histórias através dos relatos de experiências para construirmos novos significados em relação à formação continuada que façam sentido para as nossas próprias vivências.

## 2.2 - (Auto)biografia

Em busca de ouvir os professores, conhecer e refletir sobre suas experiências e saberes, tanto pessoais quanto profissionais, optamos por aprofundar nossos estudos na escrita da autobiográfica, pois através dessa é possível conhecer as histórias de vida dos docentes focalizando nos caminhos percorridos pelos mesmos, em seus processos de formação. Investindo nessa perspectiva, Bakhtin (2011) nos auxilia quando afirma que entende por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida.

Nesse caminho, ao trabalharmos com as histórias narradas, estamos sujeitos a registramos histórias que de fato não sejam verdadeiras, mas não cabe a nós pesquisadores, julgarmos o verdadeiro ou falso. Paz (2012) destaca que para a tradição oriental, a verdade é uma experiência pessoal. Portanto, em sentido estrito, é incomunicável. Cada um deve começar e refazer sozinho o processo de verdade. E ninguém, exceto aquele que empreende a aventura, pode saber se chegou ou não à plenitude, à identidade com o ser (PAZ, 2012, p.110). Corroborando com essa ideia, Lejeune (2003) *apud* Bragança (2014, p.85) afirma que:

A autobiografia fundamenta-se na "estética da verdade" e na "eficácia na transmissão de uma experiência de vivida", ou seja, "sem dúvida a verdade inatingível, em particular quando se trata da vida humana, mas o desejo de alcançar define um campo de discurso e actos de conhecimentos

Desse modo, devemos nos limitar a descrever as histórias, com foco na narrativa, procurando extrair as experiências produzidas pelos sujeitos da pesquisa e analisá-las buscando compor significados para a pesquisa. Marinas(2007) *apud* Bragança (2014) discute a importância entre a relação da escuta/palavra dada, onde ratifica que "sem escuta de qualidade, a narrativa torna-se vazia, monológica, ou, no limite, simplesmente não existe". Porque, muitas vezes, alguns pesquisadores ficam em busca da verdade absoluta e acabam não realizando uma escuta de qualidade, pois interrompem o narrador, de modo que ele mude sua narrativa. Tal como escreve Abrahão:

Palavra dada tem valor moral, inseparável do rigor metodológico. Por isso investigar histórias de vida é escutar. E escutar é não obstruir, não interromper, nem com saber (sobre o tema), nem com interpretação (de quem fala). Porque quem está falando concede uma palavra dada cujas dimensões e implicações não conhece em sua totalidade, nem sequer parcialmente. Faz bastante em falar, como para saber ainda o que está dizendo (ABRAHÃO, 2014, p.62).

Por isso, a escuta é tão importante quanto a palavra dada, pois é preciso saber ouvir sem provocar interrupções para que a narrativa das histórias não seja influenciada pelo pesquisador. FREIRE (2011) afirma que é preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado.

Então, a partir da relação entre a fala e a escuta são estabelecidos os significados que compõem os textos da pesquisa narrativa, extraídos das histórias e das experiências dos narradores em consonância com as contribuições do pesquisador. Dermatini (2008) acrescenta que ao refletirmos sobre as experiências de "outros" nos leva a perceber elementos/questões da prática pedagógica e do campo educacional sobre os quais não detivéramos anteriormente, podendo até sugerir novas posturas e um repensar da nossa própria prática.

### **2.3 - Tecendo minhas narrativas**

Antes de adentrarmos nas narrativas dos docentes da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo, farei uma retomada dos caminhos percorridos por mim, desde o início da minha escolarização até o presente momento em que realizamos esta pesquisa.

Desde a infância, gostava de brincar de escola e costumava sempre ser a professora, talvez por estar sempre em convívio com o ambiente escolar, pois meus pais eram professores e sempre me levavam à escola, seja em festas, reuniões ou quando eu não tinha com quem ficar, acabava indo para sala de aula mesmo com minha mãe.

Comecei o jardim de infância aos quatro anos, em 1987, em uma escola localizada no bairro onde ainda resido, em Duque de Caxias. Lembro-me de ter sido muito bem acolhida pela professora e pelos demais funcionários da escola, sentia-me muito segura e feliz, tendo boas recordações da escola, apesar de ser ainda bem pequena e ter ficado pouco tempo nela, pois ao terminar a educação infantil, no final de 1988, fui transferida para outra escola, longe

da minha casa, do meu bairro, onde não conhecia mais ninguém, e um sentimento de tristeza e medo permeavam os meus dias, apesar de meu pai ser professor desta nova escola.

Em 1989, aos seis anos, iniciei o primeiro ano do Ensino Fundamental, conhecido na época como Pré, no Colégio Duque de Caxias. Um pouco assustada com a mudança e com uma professora totalmente diferente das que estava acostumada. Não sentia mais o mesmo acolhimento e atenção por parte da professora, tornando o ano um pouco difícil, pois ainda recordo-me dos gritos e das broncas com os alunos que não acompanhavam as leituras. Eu sempre fui muito tímida, então procurava estudar o máximo, em casa, com minha mãe para chegar à escola fazendo uma boa leitura. Não tive muitas dificuldades para aprender a ler e escrever, mas a professora me deixou essa triste recordação de aprender a ler através do medo e da insegurança, mas com o tempo essa insegurança foi passando e continuei sendo uma aluna estudiosa e sempre atenciosa.

Ao iniciar o sexto ano, comecei a ter aulas de Inglês, na escola, e o gosto por bandas e músicas internacionais começaram a surgir. Diante desse interesse, meu pai resolveu matricular-me em um curso de Inglês. Lembro-me que adorava as aulas, achava muito legal ser professor de uma língua diferente da nossa e, assim, comecei a pensar na possibilidade de tornar-me professora de Língua Inglesa.

Em 1997, comecei a cursar o primeiro ano do segundo grau, hoje intitulado como Ensino Médio. Nessa época, o segundo grau era composto pela formação geral ou pela formação técnica. No primeiro ano, todos cursavam a formação geral e a partir do segundo ano era opcional a escolha por continuar com a formação geral ou cursar o ensino técnico.

Nesse período, foi a transição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, lei nº5.692/71 para a lei nº9.394/96. Ambas contemplavam a escola normal, como ensino profissionalizante, habilitando para o magistério nos anos iniciais. Porém, a nova lei nº9.394/96, em seu artigo 87, parágrafo 4º, estabelecia que até o fim da Década da Educação (em 2006), somente seriam admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço.

No entanto, não foi possível cumprir essa exigência, visto que no país a maioria dos professores da educação infantil e das séries iniciais tinha apenas o magistério em nível de ensino médio, e em alguns lugares, ainda existiam professores leigos que nem o magistério tinha, mas não podemos negar a importância dos mesmos, pois contribuem, significativamente, com a educação do país. Então, travaram-se diversas discussões para rever esse artigo, e sendo assim, o governo não teve outra saída e elaborou o decreto lei n.3.554, que substituiu a palavra “exclusivamente” por “preferencialmente”. O Decreto nº3.276, de 6 de dezembro de 1999, estabelecia que:

Art. 3º A organização curricular dos cursos deverá permitir ao graduando opções que favoreçam a escolha da etapa da educação básica para a qual se habilitará e a complementação de estudos que viabilize sua habilitação para outra etapa da educação básica.

§ 1º A formação de professores deve incluir as habilitações para a atuação multidisciplinar e em campos específicos do conhecimento.

§ 2º A formação em nível superior de professores para a atuação multidisciplinar, destinada ao magistério na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, far-se-á, preferencialmente, em cursos normais superiores. (Redação dada pelo Decreto nº 3.554, de 2000) ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3276.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3276.htm) acesso em 05/05/17)

Desse modo, apesar da palavra "exclusivamente" ser modificada pela "preferencialmente" pelo decreto, referente a formação em nível superior, a lei então continua admitindo a formação mínima oferecida em nível médio, dada a realidade existente do nosso país, no qual os cursos normais a nível de ensino médio ainda são a única formação de muitos professores.

Em meio a essas mudanças, comecei a compreender um pouco mais sobre as leis, sobre a escola, funções dos Estados, Municípios, entre outras coisas, a partir dos estudos realizados na disciplina Estrutura e Funcionamento do Ensino do 1º Grau. No ano seguinte, em 1998, iniciei no segundo ano do Ensino Médio, o nome segundo grau já estava sendo extinto, e então comecei a realizar os estágios na mesma escola em que estudava, no Colégio Duque de Caxias. Lembro-me que ficava uma semana em cada sala de aula, do primeiro ao quinto ano do primeiro segmento do Ensino Fundamental e depois tinha que escolher uma turma para dar uma aula. Nesse estágio, a maioria das professoras nos dava, para mim e para outra estagiária, uma pilha de livros e cadernos para corrigir, às vezes, ainda pediam que ficássemos em outra sala para que os alunos não nos atrapalhassem na correção. Naquele momento, não percebia que ao nos ausentarmos da sala de aula, não estávamos observando a atuação das professoras e o desenvolvimento dos alunos em sala, achávamos que estava ajudando as professoras, e não tinha noção que isso não contribuía na construção de nossas práticas.

No ano 2000, tive o primeiro contato com a sala de aula, sendo oficialmente professora, e esse foi permeado por muitas expectativas, surpresas e medos. Lembro-me de ser uma turma de maternal cujas crianças tinham entre dois e três anos de idade. Confesso que não sei como dei conta daquela turma, pois tinha cerca de umas vinte crianças e eu não tinha nenhuma auxiliar, minha experiência era apenas do período de estágio que não atuei com crianças da Educação Infantil. Eu estava deslumbrada com a escola e com as crianças, com

vontade de fazer o certo e as coisas foram acontecendo, foi um ano de muitas descobertas e de muito crescimento, marcado pelas tentativas de acertos e pelos erros que, algumas vezes, eram inevitáveis.

Nesse momento, mesmo sem eu ter muita noção, começava a construir meus saberes e minhas práticas docentes. Tudo era novo, mas sempre me lembrava de alguns professores e tentava atuar como eles. Em casa, também conversava muito com meus pais e com minha irmã que são professores e sempre me auxiliavam, seja no modo como deveria agir em determinadas situações ou com dicas para elaboração de atividades e até mesmo com confecção de roupinhas para datas comemorativas.

Em paralelo ao início na carreira docente, comecei a minha graduação em Letras - Português/Inglês, na UNIGRANRIO. A escolha por Letras se deu por estar fazendo curso de Inglês e naquele momento queria ser professora desse idioma. Em 2004, terminei a graduação em Letras e no ano seguinte, para a minha felicidade, comecei como professora substituta no segundo ano do Ensino Fundamental, na primeira escola que estudei, onde fiz a educação infantil, no Educandário Santa Cecília que fica localizada no bairro onde moro, em Duque de Caxias. No ano seguinte, em 2005, comecei a atuar como professora de Língua Inglesa do 6º ao 9º ano e professora do 5º ano do Ensino Fundamental, foi um ano muito intenso, de muito trabalho e de muito aprendizado.

Em 2005, iniciei o Curso de Pós-graduação *Lato-Sensu*, em Administração Escolar, na Universidade Cândido Mendes, pois gostei muito de estudar as disciplinas pedagógicas quando fiz a graduação em Letras. Então, resolvi fazer Administração Escolar com o intuito de entender como se dava o funcionamento de uma escola e estudar um pouco mais sobre Pedagogia, pois percebia que precisava de mais conhecimento nessa área.

No ano de 2006, comecei a dar aula em mais uma escola, e nesse mesmo ano, em março, estava concluindo a especialização em Administração Escolar. A partir das minhas experiências na escola particular, apresentei a monografia sobre a Gestão Democrática e a aplicação do Projeto Político Pedagógico, pois na realidade que estava inserida, percebia que o mesmo era elaborado somente pelos gestores e pelas coordenadoras, os outros segmentos da comunidade escolar não tinham a oportunidade de participação e elaboração do mesmo. Diante dessa problemática, resolvi aprofundar meus estudos e pesquisar como acontecia a gestão em outras unidades escolares e como se dava a elaboração e aplicação do Projeto Político Pedagógico.

Ao terminar o curso de pós-graduação *Lato-Sensu* em Administração Escolar, percebi que o mesmo não tinha dado conta das minhas inquietações a respeito das disciplinas

pedagógicas, então, resolvi pedir reingresso na UNIGRANRIO e cursar Pedagogia. Em 2006, iniciei a graduação em Pedagogia e, ao mesmo tempo, comecei a prestar concursos públicos para o cargo de professor. Não obtive muito êxito nos concursos realizados, pois na verdade, faltava tempo para me dedicar mais aos estudos porque trabalhava em duas escolas e fazia graduação a noite. Então, no segundo semestre de 2007, resolvi trancar a matrícula do curso de Pedagogia para que tivesse mais tempo para dedicar-me aos concursos públicos, pois acreditava que somente como professora concursada conseguiria trabalhar em apenas uma escola, ter mais qualidade de vida e também me dedicar a outros estudos, pois sempre gostei de estudar e tinha certeza que era muito importante para o desenvolvimento profissional e até mesmo pessoal. Então, mantive a matrícula da graduação em Pedagogia trancada no período de um ano e dediquei-me exclusivamente aos cursos voltados para concursos públicos.

No final de 2007, fui aprovada para o cargo de professor II para a Prefeitura do Município do Rio de Janeiro. Em 2008, retornei para a graduação em Pedagogia e continuei trabalhando nas duas escolas particulares, aguardando minha convocação no concurso.

Nesse período em que atuei somente em escolas particulares, participei de diversos cursos de formação continuada, um deles foi específico para trabalhar com uma determinada apostila, de uma rede de ensino, pois a escola estava fazendo a transição do uso de livros para o uso de apostilas. Lembro que houve muita resistência por parte dos professores e até mesmo dos pais de alunos, pois não aceitavam essa nova metodologia de ensino e no ano seguinte houve uma redução do número de alunos na escola.

As formações oferecidas por essa rede de ensino aconteciam regularmente, a cada bimestre eram oferecidos cursos de capacitação, em diversos lugares do Rio de Janeiro, e duas vezes ao ano vinham visitar a escola e dar algum tipo de palestra. Lembro que gostava muito de participar dos cursos, pois eram muito bem planejados e tinham assuntos muito relevantes, com um bom material e a presença de bons autores.

Os professores gostavam dos cursos oferecidos e do material, mas um dos principais questionamentos e queixas por parte dos professores era que o material e atividades elaboradas por essa rede de ensino eram pensados para ser trabalhados com uma quantidade muito pequena de alunos, muito diferente de nossa realidade, se tornando quase impossível a realização de diversas atividades descritas no material. Os pais percebiam que o material não era adequado para a realidade da escola e faziam diversas reclamações, além do custo do material ser mais elevado.

Depois de algum tempo, algumas discussões e avaliações do material a direção da escola resolveu voltar com os livros e não fazer mais parte dessa rede de ensino. A escola

adotou algumas editoras de livros e, em sua maioria, também ofereciam cursos de formação continuada. Eu atuava como professora do 5º Ano do Ensino Fundamental, no período da tarde, e pela manhã como professora de língua inglesa do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental. Como professora de Inglês, participei de diversos cursos de capacitação, muitos deles oferecidos pelas editoras de livros e funcionavam como treinamento para trabalhar com o material didático, onde deveríamos empregar determinada metodologia, uma formação totalmente técnica, onde tínhamos que seguir todo o manual que vinha junto com o livro.

Finalmente, no ano de 2010, fui nomeada como professor II no município do Rio de Janeiro. Assim, pela manhã dava aulas no município do RJ e no turno da tarde comecei a atuar como professora de sala de leitura, da educação infantil ao 3º Ano do Ensino Fundamental, pois o horário seria mais flexível.

Ao iniciar como professora no município do Rio de Janeiro, tive um choque de realidade, pois não estava acostumada a trabalhar com crianças muito carentes, tanto na parte emocional quanto financeira e que no 2º Ano do Ensino Fundamental ainda não estavam alfabetizadas, pois minha realidade era completamente diferente. Comecei a estudar possibilidades de como alfabetizar esses alunos, procurava em livros, artigos, trocava experiências com meus pares, fazia cursos oferecidos pela própria prefeitura, entre outras coisas. Ficava muito preocupada em trabalhar todo o conteúdo que era previsto e, ao mesmo tempo alfabetizar os alunos.

O primeiro curso de formação oferecido pela prefeitura foi para treinamento vocal para os professores recém nomeados que eram, praticamente, obrigados a fazer, pois havia muitos professores de licença médica devido a problemas vocais. Posteriormente, foram oferecidos outros cursos de formação, a maioria deles não era para todos os professores da escola, pois tinha um número limitado de vagas, assim, nem sempre podia participar.

Participei de diversos cursos de formação continuada que eram praticamente um treinamento, pois estavam sendo implantadas as apostilas no município do Rio de Janeiro e os cursos eram bastante informativos, gerando muita indignação e questionamentos por parte dos professores, mas mesmo assim, tenho conhecimento que essas apostilas continuam até hoje, sendo todas com atividades em múltipla escolha, do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental.

É válido ressaltar que participei de alguns cursos de formação onde as professoras tinham a possibilidade de relatar suas experiências, mostrando suas práticas, reflexões, conquistas e até mesmo os fracassos. Nesses cursos, tive a oportunidade de refletir e

reconstruir minhas práticas, pois através das experiências de outros professores tinha a possibilidade de ir adaptando a minha realidade e conseguia êxito com minha turma.

Não posso deixar de destacar que as professoras da escola a qual trabalhava, a Escola Municipal Eneyda Rabello de Andrade foram também muito importantes para que eu conseguisse rever minhas práticas e obter sucesso com meus alunos, pois elas me auxiliaram muito, partilhavam comigo suas práticas, suas experiências, seus materiais e isso foi muito importante para o meu desenvolvimento profissional.

Em 2010, estava terminando o curso de Pedagogia e tinha que elaborar meu trabalho de conclusão de curso (TCC). Como estava mergulhada no mundo da alfabetização e também atuava como professora de sala de leitura, na escola particular, resolvi escrever sobre Literatura Infantil e o título do meu TCC foi "Monteiro Lobato: uma proposta pedagógica." O interesse pela temática abordada surgiu da compreensão das possibilidades de melhorar nossa prática docente utilizando as obras do autor, e como essas podem ser trabalhadas como eficientes propostas pedagógicas.

As dificuldades de nossos alunos ao se depararem com o novo exigem de nós professores, novos caminhos para mudarmos nossas práticas e atingir o ideal de educação, e este desejo de mudança está presente nos ideais literários de Lobato e serve como estímulo para progredirmos. Com esse objetivo resolvi analisar a importância de Monteiro Lobato para a literatura infantil brasileira e, como consequência, suas contribuições para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Foi uma experiência muito boa, pois tive o prazer de conhecer obras de Monteiro Lobato que desconhecia. Fiquei muito entusiasmada com essas leituras e acabei implementando, na escola particular, um projeto de leitura sobre o autor que contribuiu significativamente para o meu enriquecimento pessoal e profissional, pois através das leituras e reflexões pude adquirir novos saberes e novas práticas.

Concluí o curso de Pedagogia no final de 2010, no ano seguinte fui nomeada, em outro concurso, para professora de Educação Infantil também no município do Rio de Janeiro, e em 2011, deixei a rede particular de ensino e fiquei atuando como professora do terceiro ano do Ensino Fundamental no turno da manhã e na Educação Infantil no turno da tarde, ambos no município do Rio de Janeiro.

Quando me tornei professora de Educação Infantil, especificamente, de uma turma de maternal que abrangia crianças de dois a três anos de idade, tive a oportunidade de participar de outro modelo de formação que ainda não havia participado, aprendendo a lidar com crianças tão pequenas, onde era estimulado o educar e o cuidar. Os cursos eram oferecidos pela SME/RJ e, em sua maioria, eram produzidos vídeos onde as gestoras e a professora

articuladora (PA) ficavam responsáveis por coordenar a formação. Nas creches, assim como nas escolas não havia a função de orientador pedagógico, a pessoa que fazia esse papel era chamada de professora articuladora e na escola era o coordenador.

Alguns vídeos pareciam uma propaganda ou comercial, mostravam realidades completamente diferentes a qual estávamos vivenciando, os EDI como são chamados os Espaços de Desenvolvimento Infantil, eram perfeitos, super equipados, e isso era problematizado pelas gestoras e pelos docentes, pois na nossa creche faltava do material a professores, tínhamos diversas turmas sem a presença de um professor.

Fiquei pouco tempo na prefeitura do Rio de Janeiro, efetivamente, apenas 3 anos em turma, mas nesse pouco tempo pude adquirir muita experiência, foram anos de muitas trocas e muitas (re)construções de saberes e práticas, principalmente, com as professoras. Não que na escola particular isso não acontecesse, mas na pública, pelo menos a que eu estava, o grupo de professoras que eu fazia parte era muito unido, uma ajudava a outra e, assim, conseguíamos conquistar algumas vitórias.

Em março de 2013, nasceu o meu filho Miguel, assim, entrei de licença maternidade por um período de um ano. Neste mesmo ano, mais especificamente, em maio, foi aberto o processo seletivo para o curso de Pós-graduação *Lato-Sensu*, em Gestão dos Processos Educativos – Administração e Supervisão Escolar, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ. Como ficaria um ano de licença, minha mãe se ofereceu para cuidar do meu filho durante as três tardes que seria o curso. Ela e meu marido me incentivaram para que não perdesse a oportunidade de fazer mais uma especialização. Então, resolvi fazer minha inscrição e participei da seleção, sendo aprovada. O curso teve início em setembro de 2013, com término previsto para janeiro de 2015. Porém, no ano de 2014, com o fim da minha licença, em março, teria que retornar às salas de aulas no município do Rio de Janeiro, mas para minha felicidade fui nomeada, em fevereiro, para o cargo de Orientador Educacional da Fundação de Apoio à Escola Técnica - FAETEC, o que seria um facilitador, pois teria flexibilidade nos horários. Sendo assim, resolvi exonerar minhas duas matrículas na prefeitura do Rio de Janeiro, mesmo tendo a possibilidade de exonerar apenas uma, decidi ficar apenas na FAETEC, pois queria concluir o curso de especialização já iniciado e prosseguir com os meus estudos, e assim eu fiz.

Nesta minha nova função como Orientadora Educacional e fazendo o curso de especialização, pude mais uma vez ratificar o que já vinha pensando em relação à formação docente, acreditando que a formação continuada é muito importante na vida dos professores, pois através dos diálogos e discussões tecidos com os colegas da especialização e com o

grupo de professores que atuava, diretamente, no meu local de trabalho, percebia claramente o quanto a formação podia interferir não só na prática em sala de aula, como também em minha função como orientadora. E com este meu novo olhar sobre a profissão docente, desenvolvi minha pesquisa sobre formação docente: saberes e práticas em construção.

Após concluir a pesquisa e a especialização, continuei estudando para alcançar um dos meus objetivos que era ingressar no mestrado. Primeiro, participei do processo seletivo, em 2015, para a UERJ, passando na prova escrita, mas na segunda fase o meu projeto não foi considerado apto, mesmo assim não desisti. Em 2016, inscrevi-me no processo seletivo do programa de mestrado da UNIGRANRIO e, felizmente, passei por todas as etapas com êxito, tendo sido considerada aprovada.

Para dar continuidade aos estudos já iniciados, resolvi continuar pesquisando sobre formação de professores, mas desta vez com ênfase na formação continuada, pois acredito que essa é um dos elementos fundamentais para a melhoria qualidade da educação e através dos nossos estudos, poderemos contribuir para a construção de novos saberes e o fomento das transformações das práticas docentes, estimulando que os professores reflitam sobre suas histórias de vida, sua formação e, por conseguinte, suas práticas.

Sabemos que muitas vezes os professores vêem a formação continuada como um treinamento para a utilização de determinada metodologia, uma visão meramente técnica a qual alguns professores se reduzem porque na verdade, em alguns casos, é realmente o que acontece nos cursos de formação continuada oferecidos pelas Secretarias de Educação, pelas editoras de livros ou até mesmo pelas próprias escolas. Imbernón (2010) faz uma importante reflexão a respeito da formação como treinamento, como observaremos a seguir:

A concepção básica que apoia "o treinamento" é a de que existe uma série de comportamentos e técnicas que merecem ser reproduzidos pelos professores nas aulas, de forma que, para aprendê-los, são utilizadas modalidades como cursos, seminários dirigidos, oficinas com especialistas ou como se queira denominá-los. Neles a ideia que predomina é a de que os significados e as relações das práticas educacionais devem ser transmitidos verticalmente por um especialista que soluciona os problemas sofridos por outras pessoas: os professores. Historicamente, a base científica dessa forma de tratar a formação continuada de professores foi o positivismo, uma racionalidade técnica que buscava com afincamento, nas pesquisas em educação, ações generalizadoras para levá-las aos diversos contextos educacionais. A formação por intermédio de exemplos bem-sucedidos de outros, sem passar pela contextualização, pelo debate e pela reflexão, tentava dar resposta, sem muito eco, a esse ilusório problema comum. (IMBERNÓN, 2010, p.54)

Desse modo, esta pesquisa tem o intuito de expandir os olhares sobre formação continuada, dando a ela novos significados, superando essa visão técnica. Para isso, é

importante refletir sobre a formação continuada através das narrativas docentes para que possamos conhecer um pouco mais sobre a realidade existente e as concepções que os professores tem em relação a esse tipo de formação. De maneira que esses exerçam suas práticas orientadas por novos conhecimentos e novas concepções e, assim, contribuir para a construção de um processo educativo mais consistente, reflexivo, crítico e criativo.

## **2.4 - Ser professor**

Como já dito no tópico anterior, meus pais são professores e uma das minhas irmãs também é professora, então, sempre vivi nesse meio, dentro da escola ou a escola dentro da minha casa. Lembro-me de brincar que meu aniversário era um verdadeiro conselho de classe, pois faço aniversário no mesmo dia que meu pai e a maioria de seus amigos são professores e, muitas vezes, esses amigos eram meus professores. Particularmente, eu adorava chegar à escola, no dia seguinte ao meu aniversário, e contar para as minhas amigas que alguns professores estiveram em minha casa. Sempre tive muito orgulho de fazer parte de uma família de professores, acho que por isso, acabei me tornando uma. Feldmann (2009) apud Santana e Noffs (2016, p.46) faz uma reflexão interessante sobre se tornar educador:

As pessoas não nascem educadores, se tornam educadores, quando se educam com o outro, quando produzem sua existência relacionada com a existência do outro, em um processo permanente de apropriação, mediação e transformação do conhecimento mediante um projeto existencial e coletivo de construção humana. (FELDMANN, 2009, p.72)

Acredito por estar envolvida em um ambiente totalmente de educadores, nunca me imaginei fazendo outra coisa a não ser ministrando aulas. Desde criança, a minha brincadeira preferida era a de escolinha e como meus primos sofreram comigo, pois por ser a mais velha eu sempre era a professora e adorava passar muitos deveres. Como meu pai trabalhava em várias escolas, sempre trazia muitas provas para casa e eu ficava encantada com todo aquele volume de material e, com isso, passava muitas atividades para meus primos, pois assim teria muitas coisas para corrigir, mas mal sabia eu que na realidade, às vezes, isso era tão cansativo.

Para mim, durante algum tempo, ser professora era ser uma pessoa importante que tinha muito trabalho e deveria amar o que fazia. Via meu pai falar com entusiasmo sobre sua profissão, preparar materiais para aulas e corrigir provas, também via a minha mãe dedicar muito do seu tempo preparando suas aulas, fazendo roupinhas, lembranças, pois era

professora de alfabetização e costumava fazer essas coisas. Então, essa era minha visão do que vinha ser um professor.

Depois de algum tempo dentro das salas de aulas, das graduações, das especializações e das incontáveis trocas de experiências, penso que ser professor é ser alguém resistente e corajoso, pois não é fácil ser professor! É preciso resistir às diversas dificuldades do dia a dia, a falta de incentivo e de valorização, mas mesmo assim, seguir acreditando que você pode contribuir para a melhoria da sociedade em que vive e que tem um papel muito importante nela. De acordo com FREIRE (2011):

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. (FREIRE, 2011, p.74-75)

Desse modo, pretendemos com essa pesquisa mudar, transformar, ressignificar nossos saberes e práticas, pois acreditamos que isso é muito importante na vida de um professor. Para tal, analisaremos as narrativas docentes com o objetivo de compormos novos significados para a nossa formação. Então, faremos uma reflexão a partir das narrativas sobre *o que é ser professor* para as professoras da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo.

A professora Raquel ressalta que naquele momento, no município de Duque de Caxias, estava sendo remar contra a maré. No período da entrevista, no segundo semestre de 2017, as professoras estavam saindo de uma greve que tinha como objetivo garantir os direitos que foram conquistados ao longo dos anos e estavam sendo retirados pelo atual prefeito da cidade. Prossegue a mesma professora falando sobre as dificuldades encontradas na sala de aula e a busca pela sua qualificação para que possa conseguir alcançar seus objetivos, destacando que é preciso acreditar que é possível.

Ser professor é remar contra a maré, principalmente nesses dias aqui em Caxias, a gente tem vivido isso, remar contra a maré. E é também acreditar quando tudo está dando errado, quando o aluno não consegue aprender, não tem o recurso, acreditar que tem algum jeito possível pra se fazer e quando a gente tem alunos com um comprometimento muito grande isso obriga a gente a buscar mais, não pra acomodar porque tem um que aprende só porque ouvi uma vez e deu conta e o outro precisa que você sente ao lado dele e tem uns que precisa que você pegue na mãozinha dele, basicamente pra mim é isso, acreditar que é possível.

Então, a palavra que você definiria como ser professor seria?

Acreditar, ser professor é acreditar. (Raquel)

A professora Isis pensa que ser professor é formar os alunos não só para o mercado de trabalho como também para a vida. Dessa fala, podemos inferir que ela pensa em formar cidadãos críticos.

Eu acho que é levar formação, acho que é conseguir formar minimamente esses alunos pra vida, não só pro mercado de trabalho. (Isis)

A professora Isabela é bem sucinta em sua fala, nos mostrando que não é apenas ensinar, mas também aprender.

É ensinar e aprender todos os dias. (Isabela)

A professora Rosane problematiza uma questão que tem sido recorrente na fala de alguns professores, a questão que as famílias estão atribuindo à escola a educação que deveria ser aprendida em casa.

Hoje em dia ser professor está muito complicado, a família está querendo transferir pra escola uma responsabilidade que não é nossa. Então além de eu preparar minhas aulas eu tenho que ensinar a criança a ter educação, a ter bons modos, coisas do tipo: por favor, com licença, obrigado, posso ir ao banheiro, coisas que na minha época isso já vinha de casa. Pai e mãe já ensinavam isso em casa e assim o compromisso com a educação está assim muito largado. Você passa o dever de casa não vem, você passa prova não vem, não estão nem ai porque tem a certeza que no final do ano eles vão passar. Eu acho que assim, o programa bolsa família atrapalhou muito nesse sentido porque eles só vêm para não levar falta, não é mais para estudar, é para não levar a falta, para não implicar no cancelamento do bolsa família e ai começou. A gente não tem mais uma linha de ensino, é muito difícil.

Então, ser professor é...

Hoje em dia ser professor é ser enfermeiro, médico, psiquiatra, uma série de coisas, pai, mãe, tudo! Está muito complicado, muito difícil. (Rosane)

Após uma longa reflexão, questionei novamente o que seria ser professor e a professora enumerou uma série de profissões, ressaltando que está muito complicado e difícil. Assim, entendemos que a mesma mostra-se indignada com a situação que o professor enfrenta em seu dia a dia.

A professora Rebeca faz outro tipo de reflexão, destacando que não é só ensinar, mas também aprender com as pessoas que convive. Desse modo, mais uma vez ressalta que a troca de experiências importante no ato de aprender e ensinar.

É ter a capacidade de ensinar e aprender todos os dias com quem a gente convive. (Rebeca)

Para ampliarmos a reflexão da professora Rebeca, trazemos uma afirmação de Santanta e Noffs (2016) que dizem que o processo de aprender a ensinar, ou seja, de aprender a ser professor, é processo de longa duração que somente tem início, sem final pré-estabelecido. Por esse motivo, achamos muito importante discutir sobre a formação continuada de professores, pois acreditamos que a formação docente tem um início, mas nunca tem fim, pois o conhecimento é construído ao longo de toda trajetória docente.

A partir da análise das narrativas, observamos que quase todas as professoras enfatizaram que a troca de ideias com outros pares é muito importante no processo da construção dos saberes docentes e para a transformação de suas práticas, pois revelaram que essa troca de experiências pode ter mais significado que uma aula ministrada por um palestrante ou professor especialista, em um curso de formação continuada, onde, em alguns casos, não conhecem a fundo a realidade a qual estão inseridas.

De acordo com Benjamim (2012):

A experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (Benjamim, 2012, p.214)

Desse modo, entendemos que a experiência partilhada através das narrativas deve ser tratada como uma dimensão do trabalho docente que se constitui como lugar de aprendizagem. Algumas pesquisas científicas costumam desvalorizar as pesquisas relacionadas ao senso comum, mas para nós, pesquisadores narrativos, sabemos o quanto é importante saber ouvir e extrair os saberes das experiências narradas.

Precisamos mais uma vez refletir sobre a escuta sensível de Barbier (2002):

A escuta sensível começa por não interpretar, por suspender todo julgamento. Ela procura compreender, por “empatia”, o sentido que existe em uma prática ou situação, segundo o “algo mais” (o “surplus”) rogeriano. Escuta sensível aceita surpreender-se pelo desconhecido que, incessantemente, anima a vida. Por isso, ela questiona as ciências humanas e continua lúcida sobre suas fronteiras e incertezas. (BARBIER, 2002, p.3)

Para que possamos extrair esses saberes da experiência, precisamos primeiro saber ouvir, um ouvir puro, sem (pré)conceitos, sem (pré)julgamentos e sem análises sistemáticas. Portanto, na pesquisa narrativa, precisamos ter de fato, essa escuta sensível discutida por Barbier (2002), que nos leva a refletir sobre a importância de ouvir o outro com atenção e estabelecer uma relação de troca e compartilhamento com o outro.

Todavia, a escuta sensível só acontece e a experiência só é partilhada se houver uma interação entre as pessoas, para isso, é preciso ter disponibilidade e vontade de ouvir, interessando-se pelo outro e a partir disso tecer relações consigo mesmo. Nessa perspectiva, Dewey faz uma interessante reflexão em relação a isso:

A experiência é pessoal e social. Tanto o pessoal quanto o social estão sempre presentes. As pessoas são indivíduos e precisam ser entendidos como tal, mas eles não podem ser entendidos somente como indivíduos. Eles estão sempre em interação, sempre em um contexto social. (DEWEY *apud* CLANDININ e CONNELLY, 2015, p.30)

Desse modo, ao ouvirmos o outro e conhecermos suas experiências, podemos reconhecer a nós mesmos, pois através dessa interação temos a possibilidade de refletir sobre nossas ações e dar novos significado aos saberes já adquiridos. Tardif (2014) faz uma discussão sobre os diversos saberes docentes e dentre eles ressalta os saberes experienciais.

Pode-se chamar de saberes experienciais o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos. Estes saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos (e não da prática: eles não se superpõem à prática para melhor conhecê-la, mas se integram a ela e dela são partes constituintes enquanto prática docente) e formam um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as duas dimensões. Eles constituem, por assim dizer, a cultura da ação docente em ação. (TARDIF, 2014, p. 48-49)

Em suma, pode-se dizer que os saberes experienciais são praticamente a base do cotidiano escolar, pois os professores, em sua maioria, utilizam esses saberes para resolver situações do dia a dia. Seja no âmbito de ensinar um novo conteúdo ou para solucionar um problema de indisciplina de um aluno. Assim, o saber da experiência é sempre utilizado com o intuito de realizar uma ação pedagógica que seja eficaz.

Ivor Goodson (1991) *apud* Nóvoa(1995) defende que:

A necessidade de investir a práxis como lugar de produção de saber e de conceder uma atenção especial às vidas dos professores. A teoria fornece-nos indicadores e grelhas de leitura, mas o que o adulto retém como saber de referência está ligado à sua experiência e à sua identidade.

Gostaríamos de deixar bem claro que não estamos deixando de lado a importância dos saberes científicos e teóricos na transformação das práticas e na formação docente, mas temos como pretensão evidenciar os saberes produzidos a partir das trocas de experiências que são, em sua maioria, fundamentados nos saberes teóricos.

Certa vez ao ingressar na escola pública como docente, depois de sete anos na escola particular, achava-me uma professora experiente, mas no primeiro dia de aula pude perceber que quase nada sabia, pois meus alunos se quer reconheciam o que eu tinha escrito no quadro de giz. Fui, imediatamente, à sala ao lado, pois a professora havia me falado se caso eu precisasse de alguma ajuda era só falar, e eu não hesitei. Ao chegar a minha sala e olhar o quadro de giz, ela sorriu e disse que os alunos da minha turma não sabiam ler e escrever com letra cursiva, pois só utilizavam letra bastão que era mais fácil tanto para a caligrafia quanto para a identificação em livros, revistas, etc. A partir desse momento, comecei a perceber que meus humildes sete anos de sala de aula, não eram praticamente nada diante daquela nova realidade, e eu que me achava uma professora experiente estava apenas começando.

Esse pequeno caso relatado serve apenas para ilustrar como as experiências são compartilhadas no cotidiano escolar e são fundamentais para a mudança das práticas. É preciso ouvir o outro, observar e adequar à realidade em que está inserido, pois nem sempre o que outro diz e faz serve para a sua realidade. Portanto, é preciso analisar e reconhecer o que é realmente necessário ser modificado, tendo sensibilidade para ver o que realmente é preciso transformar em sua prática docente.

O saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. (LARROSA, 2002, p.27)

Assim, compreendemos que a experiência é algo individual, mas que ao ser partilhada com outras pessoas fomenta uma série de outras experiências, fazendo surgir novas maneiras de pensar e agir. A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando. (NÓVOA, 1995)

### **3 - O CONTEXTO DA PESQUISA**

Com o projeto quase finalizado, começamos a pensar em uma escola para realizar a pesquisa de campo e surgiu a Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo, por ser uma escola que tem uma história importante no município de Duque de Caxias, pois foi a primeira escola pública, em Duque de Caxias, a oferecer o curso ginásial. Atualmente, oferece o primeiro segmento do Ensino Fundamental, tínhamos como objetivo analisar as narrativas

de professores desse nível de ensino porque esses costumam estar presentes todos os dias da semana na escola, o que facilitaria o meu encontro com os mesmos.

Assim, nesta seção, temos como objetivo apresentar o campo da pesquisa, fazendo apresentação da história e geografia do município de Duque de Caxias, para que haja uma contextualização do local de pesquisa. Abordaremos também dados referentes a educação escolar e a formação continuada no município, assim como a história da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo, por se tratar do nosso *locus* de pesquisa. Os dados apresentados nos próximos subtópicos foram obtidos através do site da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, do site da Câmara Municipal de Duque de Caxias e da Revista Pilares da História, 2003.

Em seguida, apresentaremos as professoras do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo que contribuíram na construção desta pesquisa. Os dados referentes às professoras foram coletados a partir de um questionário e as narrativas foram construídas a partir de um roteiro de pesquisa, ressaltamos que os nomes foram alterados para preservar o anonimato das participantes da pesquisa como previsto pelo TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Posteriormente, analisaremos as narrativas docentes, constituindo, assim, unidades de significado.

### **3.1 - Localização geográfica do município de Duque de Caxias**

O município de Duque de Caxias fica situado na Baixada Fluminense, sua área territorial é de 464, 573 km<sup>2</sup>, com uma população de 882 729 habitantes, sua densidade demográfica é 1 900,09 habitantes por quilometro quadrado. Seus limites estendem-se, atualmente, aos municípios de Miguel Pereira, Petrópolis, Magé, Rio de Janeiro, São João de Meriti e Nova Iguaçu. A hidrografia pode ser resumida em quatro bacias principais: Iguaçu, Meriti, Sarapuí e Estrela

O município possui 41 bairros divididos em quatro distritos: 1º- Duque de Caxias, 2º- Campos Elíseos, 3º- Imbariê, 4º- Xerém. Em cumprimento à Lei Orgânica, a sede municipal, que se encontrava no 1º distrito, foi transferida, a partir de 29 de maio de 1991, para o 2º distrito. O bairro de maior população é o Gramacho que fica localizado no primeiro distrito, e o bairro de menor população é Lamarão, no quarto distrito, segundo dados da Prefeitura.



Fonte: [pt.map-of-rio-de-janeiro.com/munic%C3%ADpios-mapas/duque-de-caxias-munic%C3%ADpio-do-mapa](http://pt.map-of-rio-de-janeiro.com/munic%C3%ADpios-mapas/duque-de-caxias-munic%C3%ADpio-do-mapa)

### 3.2 - Breve história do município de Duque de Caxias

Nos séculos XVII e XVIII, a divisão administrativa de Iguassú, hoje município de Nova Iguaçu, seguia critérios eclesiásticos, ou seja, a igreja matriz assumia a responsabilidade jurídica e religiosa, administrando as capelas secundárias: as freguesias. Sendo assim, Pilar, Meriti, Estrela e Jacutinga, áreas que atualmente ocupam parte do território de Duque de Caxias, pertenciam à Iguassú.

A região tornou-se importante ponto de passagem das riquezas vindas do interior: o ouro das Minas Gerais, descoberto no momento de crise da lavoura açucareira, e o café do Vale do Paraíba, que representou cerca de 70% de toda a nossa economia.

Com a implantação do transporte ferroviário, na metade do século XIX, o quadro transformou-se radicalmente. A estrada de Ferro D. Pedro II ligou a capital do Império ao atual município de Queimados. A produção do Vale do Paraíba passou a ser escoada por esta via, os rios e o transporte terrestre deixaram progressivamente de serem usados e os portos fluviais perderam importância. A região iguassuana entra em franca decadência.

Meriti também ficou esquecida, nem a inauguração da Estrada de Ferro Leopoldina (1886), ligando a cidade do Rio de Janeiro à Meriti apresentou mudanças nesse quadro. Para piorar, os rios foram assoreados pelo desmatamento e pela expansão da ferrovia, transformando-se em pântanos, fazendo surgir focos de doenças como a malária.

Na década de 40, o governo federal promoveu a limpeza de mais de seis mil quilômetros de rios e construiu mais de 200 pontes na Baixada Fluminense. Com a inauguração de novas estações, em 1911, pela Estrada de Ferro Leopoldina multiplicaram-se as viagens, bem como o número de passageiros em Gramacho, São Bento, Actura (Campos Elíseos), Primavera e Saracuruna. Nesta época, Meriti ainda era distrito de Iguassú. Com a construção da Rodovia Rio-Petrópolis, em 1928, Meriti voltou a prosperar.

No século XVIII, o centro econômico brasileiro transferiu-se para Minas Gerais. O ouro veio substituir a plantação canavieira em crise, mudando o panorama da sociedade colonial.

Foi dada a largada para a corrida do ouro, que arrastou uma romaria de pessoas de vários pontos do Brasil: Nordeste decadente, vilas, sertões e até de outras nações européias. A atividade febril do século XVIII extraiu mais ouro das minas brasileiras, em sete décadas de exploração, que em mais de três séculos de atividade aurífera da América Espanhola.

Usando o caminho de Garcia Pais, que concluiu, em 1704, a primeira ligação direta entre o Rio de Janeiro e Minas, os tropeiros – homens que guiavam animais de cargas -, faziam o transporte do ouro e de outras mercadorias até o Porto de Pilar. O porto destacava-se pela sua posição estratégica, pois ficava à margem do rio de mesmo nome e era navegável em cerca de 12 quilômetros. A freguesia tinha um povoado próspero e sua igreja rivalizava, em luxo, com as demais da região das Minas Gerais. A viagem de barco era feita pela Baía de Guanabara, subindo rio até o porto de Nossa Senhora do Pilar.

O Caminho Novo de Garcia Pais era mais longo e de difícil acesso, fazendo com que muitas cargas fossem perdidas. Bernardo Soares de Proença abriu um novo caminho através do Porto da Estrela. Com subidas mais suaves e com um percurso menor em quatro dias, Estrela assumiu a rota obrigatória de todas as riquezas que circulavam na região.

Entre 1761 e 1781, as minas de ouro tiveram uma queda sensível em sua produção, mesmo assim, Estrela continuava sendo o principal caminho para o interior. A inauguração da 1ª ferrovia brasileira, ligando o porto de Mauá à Estação de Fragoso, em Petrópolis, contribuiu para a mudança da realidade local. Outra estrada de ferro, a D. Pedro II passando por Maxambomba, incluindo o assoreamento dos rios e a abolição da escravatura, decretaram o fim do porto.

Sem a conservação necessária, os rios foram ficando cada vez mais assoreados, quase que inviabilizando a navegação. Não demorou para que a região fosse transformada em área propícia à proliferação de mosquitos, tornando-se praticamente inabitável, tendo sua população declinado.

O primeiro grande cultivador de café foi o Rio de Janeiro. Inicialmente foi plantado na Floresta da Tijuca, espalhando-se rapidamente por Angra dos Reis, Mangaratiba, Parati, Maricá, Itaboraí, Magé, Iguassú e Estrela. Apesar de que nestas duas últimas regiões, o café não chegou a constituir-se em um ciclo, embora tenha sido cultivado. O café chegou ao Brasil em 1727, trazido por Francisco de Melo Palheta, que plantou no Pará a primeira muda. Em 1840, o café já era o principal produto brasileiro com o aumento do seu consumo em toda a Europa e Estados Unidos.

Solo fértil, temperatura amena e chuvas regulares. Esses fatores determinaram à região do Vale do Paraíba, como ideal para o cultivo do café. Foram 40 anos de superprodução (1830 a 1870) em que era comum ver os trens carregados até a boca fazendo o caminho Vassouras/Rio de Janeiro.

Associado ao capital inglês e aos produtores de café, em 1854, Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, construiu a primeira ferrovia brasileira com o objetivo de dinamizar e baratear o transporte do produto. A Baronesa, nome dado à antiga locomotiva, saía de Raiz da Serra, Petrópolis, com seus vagões repletos de café e de outras mercadorias até chegar ao Porto da Estrela, de onde o transporte era feito por barcos a vapor, através da Baía de Guanabara, até a cidade do Rio de Janeiro. A ferrovia dava início ao fim do transporte terrestre e fluvial na região. Quatro anos depois, foi construída a estrada de Ferro D. Pedro II (atual Central do Brasil) e, em 1860, a São Paulo Railway Company (Santos- Jundiaí). Nem a The Rio de Janeiro Northern Railway construída no dia 23 de abril de 1886, representou grandes mudanças no processo de esvaziamento de Meriti.

Em 1870, o Vale do Paraíba perdeu sua pujança. O solo desgastado pelo uso contínuo do café transferiu-se para o Oeste paulista. O café era tão importante para nossa economia que representava, ao erário brasileiro, cerca de 70% de toda a sua exportação.

Com o fim do trabalho escravo, em fins do século XIX, ocorreram modificações expressivas na sociedade brasileira. O trabalho forçado feito pelo escravo, deu vez ao

profissional assalariado. Foi no embalo dessas mudanças que surgiram as primeiras indústrias, dando início ao crescimento econômico.

No Rio de Janeiro, o reflexo do crescimento era marcado com a introdução da iluminação a gás e a novidade: água encanada. No Brasil, até 1860, foram registradas 70 fábricas que produziam produtos até então importado, como cerveja, chapéus e sabão.

No governo de Nilo Peçanha, Meriti teve uma tímida melhoria na área do saneamento básico, contando, inclusive, com a chegada da água, em 1916, na área da atual Praça do Pacificador. Mas no governo de Getúlio Vargas, que criou a Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense, a região avançou muito. Até 1945, mais de seis mil quilômetros de rios foram limpos, retirando dos seus leitos 45 milhões de metros cúbicos de terra. Com este trabalho, os rios deixaram de ser criadouros de mosquito, diminuindo em muito o número de doenças na região.

Com a abertura da Rodovia Rio-Petrópolis, Meriti voltou a crescer. Inúmeras empresas compraram terrenos e se instalaram aqui devido à proximidade com o Rio de Janeiro.

### **3.3 - Educação escolar no município de Duque de Caxias**

A Secretaria de Educação do Município (SME) de Duque de Caxias fica localizada à Rua Prefeito José Carlos Lacerda, no bairro 25 de Agosto, no primeiro distrito, ocupando um edifício de quatro andares, na região central de Duque de Caxias. Conta com cerca de 6.000 professores, 1.500 funcionários da Educação e aproximadamente 80 mil alunos. A SME é dividida em departamentos e coordenadorias e, atualmente, é coordenada pela servidora pública do município Marise Moreira Ribeiro.

De acordo com as informações contidas no Plano Municipal de Educação (PME) de Duque de Caxias, de junho de 2015, o município possui 175 (cento e setenta e cinco) instituições de ensino, sendo que 22 (vinte e duas) dessas instituições pertenciam ao Estado e foram municipalizadas. Os dados do Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro, revelam que o município de Duque de Caxias, possui cerca 392 escolas, sendo 175 municipais, 2 federais, 88 estaduais e 128 particulares. Contamos também com 6 instituições de ensino superior que atuam no município de Duque de Caxias, tais como: *Universidade Federal do Rio de Janeiro* oferece cursos de graduação e linhas de pesquisa avançada em nanotecnologia, biotecnologia e biofísica, em parceria com o Instituto Nacional de

Metrologia, Qualidade e Tecnologia, no polo avançado que fica localizado em Xerém; *Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - FEBEF*, campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, localizada no bairro Vila São Luiz, oferece os cursos de Pedagogia, Matemática e Geografia e também cursos de pós-graduação em: especialização em Organização curricular e prática docente na educação básica, Gestão dos processos educativos na escola - Administração e Supervisão Escolar e mestrado em educação, cultura e comunicação em Periferias Urbanas; *Fundação Educacional de Duque de Caxias - FEUDUC*, primeira instituição privada do ensino superior no município, fundada em 1969, oferece cursos de graduação em Letras, História, Biologia, Matemática, Geografia e Meio Ambiente e Sistemas de Informação, além de cursos de pós-graduação, fica localizada no bairro de São Bento; *Faculdade Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro*, primeira faculdade tecnológica de Duque de Caxias, diretamente subordinada à Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), órgão vinculado à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia inaugurada em 2012, oferece graduação em Tecnologia em Processos Gerenciais e pós-graduação em Logística; Universidade do Grande Rio - , criada em 1970 com o nome Associação Fluminense de Educação que passou a ser reconhecida como universidade a partir de 1994. Seu campus principal fica localizado no bairro 25 de agosto, além de unidades em Santa Cruz da Serra, Magé, Lapa, Barra da Tijuca, São João do Meriti, Macaé, Nova Iguaçu e Silva Jardim e a Universidade Estácio de Sá oferece cursos de graduação em Administração, Direito, Sistema da Informação, Gestão dos Recursos Humanos e Logística, localizada no bairro 25 de Agosto.

### **3.3.1 - O centro de pesquisa de formação continuada**

A Secretaria Municipal de Educação tem um espaço específico de formação continuada que fica localizado no prédio da própria SME. A sala recebeu o nome de Paulo Freire, e é intitulada como **Centro de Pesquisa e Formação Continuada Paulo Freire (CPFPPF)** criada em 2014, pelo Secretário Municipal de Educação Marcos Rezende Villaça Nunes, no governo de Alexandre Aguiar Cardoso que compreendeu o período de 2012 a 2016. Atualmente, temos Marise Moreira Ribeiro como Secretária Municipal de Educação, representante da SME, e Giselle Irene Lima Teixeira do Nascimento como diretora do CPFPPF, e essa conta com o grupo de 15 (quinze) membros, professores da rede municipal de ensino.

O CPFPPF tem como objetivo colaborar para a formação e pesquisa dos profissionais da rede municipal de ensino de Duque de Caxias. O departamento é responsável pela autorização, orientação e acompanhamento das pesquisas de campo na Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias e pelo fomento da formação continuada para os professores da rede. Um dos seus principais objetivos é a valorização das pesquisas realizadas pelos próprios professores da rede municipal, reconhecendo o trabalho e o estudo do corpo docente da prefeitura.

A missão do CPFPPF é proporcionar a construção e difusão do conhecimento por meio de apoio à pesquisa e a oferta de formação continuada aos profissionais da Rede de Ensino de Duque de Caxias de forma crítica e democrática e sua visão é ser referência em pesquisa e formação continuada.

Atualmente, o CPFPPF oferece formações presenciais e a distância para os professores e demais profissionais da escola que são elaboradas pelos próprios membros do centro de pesquisa, e a Secretaria Municipal de Educação (SME), juntamente com a Subsecretaria de Ensino (SSE), a Coordenadoria de Educação Infantil (CEI) e o Centro de Pesquisa e Formação Continuada Paulo Freire (CPFPPF) tem parceria com a *ONG Novamerica* que oferece oficinas de formação para Orientadores Educacionais e Pedagógicos com o objetivo de levar às escolas a reflexão sobre a relação entre os direitos humanos e democracia em nossa sociedade, enfatizando o diálogo sobre diversas formas de enfrentamento da violência e a *ONG Solidariedade França-Brasil* que oferece o ciclo de oficinas do projeto Cuidar, Educar e Brincar: Formação de Professores de Educação Infantil, com o objetivo de disseminar metodologias participativas, promover a equidade social e a prática da cidadania.

### **3.3.2 - O Plano Municipal de Educação de Duque de Caxias**

O Plano Municipal de Educação (PME) do município de Duque de Caxias que compreende o período de 2015 a 2025 foi elaborado pelos membros do governo Estadual, Municipal e da Sociedade Civil Organizada. Um questionário foi respondido pelas escolas e outras entidades da sociedade duquecaxiense. Após diversas reuniões e os textos foram produzidos coletivamente por professores da rede municipal de ensino e por membros da comissão organizadora de elaboração do plano.

O PME de estar em consonância com o Plano Nacional de Educação (PNE) e tem como principal objetivo atender as questões indispensáveis para garantir a educação como

direito público e de qualidade de acordo com os interesses da maioria da população, dando suporte e condições financeiras, materiais e humanas a educação pública e privada do município de Duque de Caxias.

No texto do PME a formação continuada tem destaque no tópico intitulado como: Formação e Valorização dos Profissionais da Educação, Formação Continuada em Serviço que abrange a formação e a valorização dos profissionais da educação. Tendo como indicadores alguns problemas como: o esvaziamento dos cursos de formação básica, o tratamento inadequado e insuficiente de formação continuada, as condições inadequadas de trabalho, os salários indignos, a indefinição de carreira, entre outros.

Além dos indicadores citados acima foram apontados outros que interferem diretamente no desempenho dos professores, como: precariedade nas condições físicas das escolas, o número excessivo de estudantes na mesma sala de aula e sobrecarga de trabalho para compensar a baixa remuneração salarial. E, a partir desses indicadores foram elaboradas algumas diretrizes, como:

- a. Políticas Públicas de formação dos profissionais da educação que assegurem o seu desenvolvimento, contribuindo, assim, para o comprometimento com a melhoria da qualidade de ensino, com vistas ainda ao avanço científico e tecnológico;
- b. Formação continuada dos profissionais da educação pública, tanto docentes como funcionários, garantida pelo poder público, assegurando o financiamento dos programas, a sua manutenção como ação permanente e a busca de parcerias com universidades públicas;
- c. Formação continuada dos profissionais da educação como objetivo geral e finalidade a reflexão sobre a prática educativa e a busca dos mecanismos necessários e adequados ao seu aperfeiçoamento técnico, ético e político; (PME/DC, 2015)

Como podemos observar o PME contempla, em suas diretrizes, políticas públicas de formação, com o objetivo da melhoria da qualidade de ensino e de avanço científico e tecnológico. A formação continuada com ênfase na reflexão sobre a prática educativa e aperfeiçoamento técnico, ético e político. Assim, podemos inferir que se de fato essas diretrizes forem cumpridas, teremos um melhor desenvolvimento profissional que reflete diretamente nas práticas e nas ações docentes, melhorando cada vez mais a qualidade do ensino. Ainda neste plano, também foram elaboradas algumas metas e dentre elas garantir a formação e a formação continuada dos profissionais de educação.

g. Garantir a formação continuada dos profissionais da educação, que se caracterizará principalmente por encontros coletivos, organizados a partir das necessidades indicadas por esses profissionais, dentro ou fora das escolas onde atuam, com periodicidade determinada, dentro do horário de trabalho. Quando realizado fora do horário de trabalho, a formação deverá ser remunerada, assegurando o atendimento à turma por professor substituto, sem prejuízo para o corpo discente;

p. Incentivar a pesquisa e estágios dos profissionais em formação dentro das Escolas da rede;

q. Garantir a concessão de licenças para estudos a todos os profissionais concursados;

t. Garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, Distrito Federal e os Municípios, no prazo de 1 (um) ano de vigência deste PNE, política nacional de formação dos profissionais da Educação de que tratam os incisos I, II, III do caput do artigo 61 da Lei nº9.394 de 20 de dezembro de 1996, assegurado que todos os professores e as professoras da Educação Básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de Licenciatura na área de conhecimento que atuam;

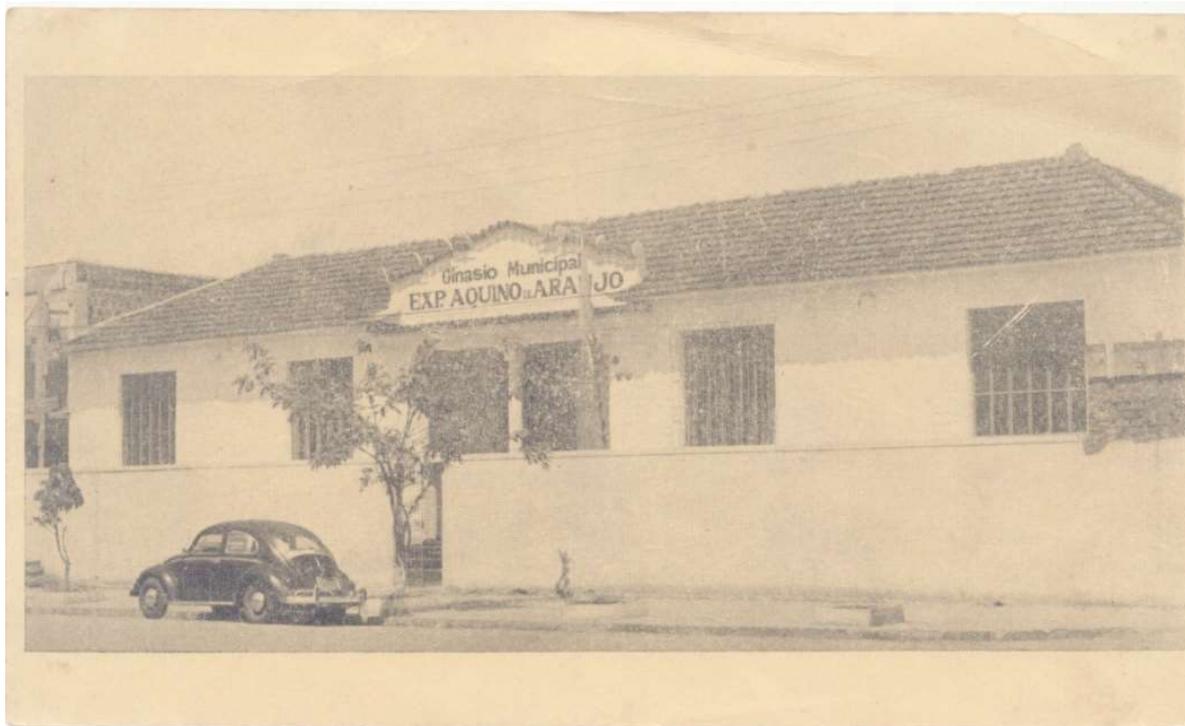
u. Formar, em nível de pós-graduação, 50% (cinquenta por cento) dos professores da Educação Básica, até o último dia de vigência deste PNE, e garantir a todos (as) os(as) profissionais da Educação Básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino. (PME/DC, 2015)

Como podemos observar, algumas metas, referentes ao aumento de salários e convocação por concurso público foram estabelecidas com o prazo estabelecido de serem cumpridas até o término de 2016, acreditamos por ser o último ano da gestão do antigo prefeito Alexandre Cardoso e esperavam que o mesmo contribuísse com o cumprimento dessas metas.

Outro fator que devemos destacar é a intenção de formar em nível de pós-graduação os professores da rede básica de ensino até o término do PME, garantindo, assim, uma formação de qualidade que contemple as necessidades do sistema de ensino, com isso, também inclui em suas metas a concessão de licença para estudos, ratificando a importância com a formação docente e a formação continuada, garantindo que a mesma seja de fato realizada.

Sabemos que nem tudo que está previsto no PME acontece na realidade do município de Duque de Caxias, até porque, atualmente, os docentes, assim como, todos os funcionários da rede vivenciam um momento muito difícil por conta do atraso salarial e da falta de materiais necessários para trabalhar em sala de aula. Porém, essas metas foram elaboradas com o intuito de contribuir com a garantidos direitos dos professores e, principalmente, em relação a valorização do profissional docente.

### 3.4 – Campo empírico do estudo: Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo



Fonte: Arquivo pessoal professora Nilsete da Silva. Acervo digitalizado CEPEMHED

A escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo, inicialmente, foi fundada em 1945, por um grupo de moradores do bairro Engenho do Porto, tendo a frente o Senhor Antônio Correia Lima. O nome da escola foi em homenagem ao patrono Aquino de Araújo, um jovem capixaba que residia em Duque de Caxias e foi convocado para lutar nos campos de batalha na Itália durante a II Guerra Mundial, onde acabou sendo morto.

A escola era mantida pela Legião Brasileira de Assistência, e em 1956 foi transferida do Engenho do Porto para o bairro Vila São Luís, onde funcionava a Escola Municipal Alberto Torres e foi transformada no primeiro ginásio público de Duque de Caxias, pelo Decreto nº 156 de 07/03/1956, pois naquela época o curso ginásial só era oferecido em escolas particulares, tendo como primeiro diretor o professor Álvaro Lopes.

#### 3.4.1 - A escola na atualidade



Fonte: Foto tirada em 16 de setembro de 2017, por Sydna Feliciano.

A escola continua localizada no Bairro Vila São Luiz, no município de Duque de Caxias, mas passou por várias reformas na estrutura do prédio ao longo desses anos e, atualmente, conta com 14 salas de aula, sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra de esportes coberta, cozinha, refeitório, despensa, almoxarifado, auditório, sala de leitura, biblioteca, sala de secretaria, pátio coberto e descoberto e banheiros.

Atualmente, a escola conta com 26 professores, dois orientadores pedagógicos, dois orientadores educacionais, um coordenador de turno, seis auxiliares administrativos lotados na secretaria, 15 funcionários de apoio (serventes, merendeiras, porteiros e inspetores), 800 alunos, um diretor geral e um diretor adjunto. A escola funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite. Oferece Ensino Fundamental, do 1º ao 9º Ano de escolaridade nos turnos da manhã e da tarde e no turno da noite também oferece o Ensino de Jovens e Adultos - EJA.

### **3.5 – As professoras da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo**

Apresentamos as cinco professoras que contribuíram com dados para a presente pesquisa, incluindo suas trajetórias de estudo, formações e experiências. Esses dados foram extraídos de um questionário realizado um mês antes das entrevistas. Os nomes foram alterados para garantir o direito de anonimato das participantes, como previsto pelo TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Sendo assim, nomeá-las-emos como

professoras Raquel, Isabela, Rosane, Isis e Rebeca, relatando de forma geral algumas características no tocante a formação e tempo de atuação no magistério.

**Raquel:** Formada em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro -ISERJ, no Rio de Janeiro, desde 2014. Atua como professora há sete anos, mas no município de Duque de Caxias há dois anos.

**Isis:** Está cursando Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, no município do Rio de Janeiro, com conclusão prevista para dezembro de 2017. Atua como professora há seis anos, mas no município de Duque de Caxias há um ano e seis meses.

**Isabela:** Formada em Letras - Português/Literatura pela Fundação Educacional de Duque de Caxias - FEUDUC, no município de Duque de Caxias, desde 2011. Atua como professora há dez anos, mas no município de Duque de Caxias há um ano e oito meses.

**Rosane:** Formada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá, no município do Rio de Janeiro, desde 2009. Atua como professora há dez anos, mas no município de Duque de Caxias há um ano e quatro meses.

**Rebeca:** Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, no município Rio de Janeiro, desde 2015. Atua como professora há 15 anos, mas no município de Duque de Caxias há um ano e seis meses.

Como podemos observar, as professoras estão há pouco tempo atuando na Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo e todas têm pouco tempo de exercício do magistério no município de Duque de Caxias, pois todas elas foram nomeadas no último concurso realizada pela prefeitura, em 2015. Ressaltamos que a escola durante um período deixou de oferecer o primeiro segmento do Ensino Fundamental e com a nomeação de novos professores, retornou a oferecer em 2016 o primeiro segmento do Ensino Fundamental.

### **3.6- A chegada à Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo**

Em fevereiro de 2017, fui à Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araujo apresentar-me ao gestor e relatar minhas intenções a respeito do projeto de pesquisa e que tinha como objetivo realizar a pesquisa de campo nessa escola, e esse foi muito receptivo e me informou que não haveria nenhum problema que minha pesquisa fosse realizada nessa escola, e pediu que eu me encaminhasse a Secretaria de Educação do município, pois havia

um tramite de documentações que deveriam ser realizados pra que eu recebesse a autorização para a pesquisa de campo.

Ao chegar à Secretaria Municipal de Educação, ainda em fevereiro de 2017, fui encaminhada para a Sala Paulo Freire, onde funciona o Centro de Pesquisa de Formação Continuada Paulo Freire, setor que fomenta a formação continuada, no município de Duque de Caxias e que autoriza os estágios e as pesquisas dentro das escolas do município. Preenchi todos os documentos necessários e entreguei uma cópia do projeto de pesquisa, após 5 dias úteis recebi por email a resposta que minha pesquisa tinha sido autorizada pela Secretaria de Educação e que deveria encaminhar-me a mesma para receber o Parecer nº05/17 - CPFPP/SME-DC, autorizando a pesquisa de campo.

Após a autorização emitida pela Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias, em março de 2017, cadastrei o projeto "Professores em formação: uma discussão sobre formação continuada e transformação das práticas docentes", em abril de 2017, no site da Plataforma Brasil para que fosse avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), uma exigência do Programa de Pós-Graduação de Humanidades Artes e Cultura, sendo considerado aprovado, em junho de 2017, protocolado sob o número de CAAE 66588717.9.0000.5283.

Em julho de 2017, voltei à escola para apresentar a autorização emitida pela Secretaria Municipal de Educação e a aprovação do CEP, para dar encaminhamento a pesquisa de campo. Fui recebida pela coordenadora de turno a qual apresentei meu projeto de pesquisa e entreguei a documentação necessária para autorização da pesquisa na escola, e a mesma informou-me que naquele presente momento não seria oportuno realizar a pesquisa, pois os alunos encontravam-se em período de avaliação e as professoras não poderiam me dar a atenção necessária, pois estavam voltando de um longo período de greve e repondo conteúdos, gentilmente, pediu que eu voltasse após o período do recesso escolar que seria no final de julho.

Passado o recesso escolar, em agosto, acompanhando pelas redes sociais constatei que grande parte das escolas estava fazendo novas paralisações e greves devido há algumas medidas tomadas pelo governo as quais os professores não estavam de acordo, como por exemplo, a redução salarial através de corte de alguns benefícios. Entrei em contato com a secretaria da escola e fui informada que a mesma estava aderindo as paralisações e algumas professores estavam participando da greve.

Após o fim da greve, aguardei um período para voltar novamente à escola e, em setembro, retornei a mesma e conversei com coordenadora de turno que gentilmente ficou responsável pela aplicação de um questionário para as professoras participantes da pesquisa. Esse questionário, foi aplicado com o objetivo de coletar informações referentes a formação acadêmica e tempo de exercício do magistério das professoras.

Posteriormente, retornei à escola para recolher os questionários e marcar o dia para realizar as entrevistas e mais uma vez fui recebida pela coordenadora de turno. Na semana seguinte, voltei à escola e realizei as entrevistas com quatro professoras, pois uma estava de licença médica. As entrevistas foram registradas em um gravador de áudio, realizadas dentro das salas de aula, com a presença dos alunos. Fui apresentada as turmas e os alunos foram muito receptivos. Em todas as turmas os alunos estavam realizando alguma atividade e contribuíram se mantendo em silêncio durante a realização da entrevista. Foi bastante interessante, pois eles estavam curiosos com a minha presença e perguntavam o que eu estava fazendo e eu e as professoras explicávamos. Alguns ficaram atentos a entrevista e no final perguntavam se tinha dado certo, mostrando interesse e preocupação com meu trabalho.

No início de outubro, voltei à escola para realizar a entrevista com a professora que não estava presente na última visita. Fui recebida com a mesma atenção que nas demais visitas e a entrevista ocorreu na sala de informática, sem a presença dos alunos, mas com a presença de uma outra professora que estava realizando um trabalho em conjunto, no momento, mas não interferiu em nada na realização da entrevista.

Após a realização da última entrevista retornei a escola no início de fevereiro de 2018 para esclarecer alguns pontos em relativos aos cursos de formação continuada que foram respondidos pela coordenadora. Nessa ocasião, preparei algumas perguntas para sanar algumas dúvidas que surgiram a partir da análise das narrativas, como: *Como os professores tomam conhecimento dos Cursos de Formação Continuada que são oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação? Os cursos oferecidos pela SME são para todos os professores ou há um limite para a inscrição nos cursos? Os professores têm interesse em participar dos Cursos de Formação Continuada oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação? Na escola, são realizados Grupos de Estudos? Com qual frequência? Quando há Grupos de Estudos na escola, quem define os temas e como são escolhidos?*

A coordenadora, gentilmente, respondeu aos questionamentos dizendo que tomam conhecimento dos cursos através de ofícios da SME e que nem sempre são para todos os

professores, havendo um limite no número de inscrição e são oferecidos para os professores, especialistas e gestores. Destacou que geralmente os professores ficam mais interessados quando é o PNAIC, pois recebem uma gratificação ao participarem do curso.

Em relação aos Grupos de Estudos, a coordenadora informou que eles já são previstos em calendário escolar, ocorrendo bimestralmente, e a equipe pedagógica direciona os temas a serem estudados e que esses são assuntos pertinentes a rotina escolar. Assim, podemos entender um pouco mais sobre como é a relação da SME com a escola no que tange a formação continuada dos docentes.

É válido ressaltar que nossa pesquisa tem foco nas narrativas docentes, portanto, decidimos não incluir na pesquisa as pessoas da SME/DC que atuam no núcleo de formação continuada e a equipe gestora da escola, pois optamos centrar nossa pesquisa nas narrativas das cinco professoras, para não perdermos o foco central de nossa pesquisa.

Após o encontro com a coordenadora, ainda não retornei à escola, mas combinei com as professoras e com a própria coordenadora que retornaria quando a pesquisa estivesse terminada, pois todas elas mostraram-se muito interessadas no assunto e gostariam de ler a pesquisa pronta, e assim, poderia agradecê-las mais uma vez por participarem da pesquisa e dar um retorno do trabalho desenvolvido.

#### **4 - AS NARRATIVAS: ENTRECruzando HISTÓRIAS (RE)CONSTRUINDO SABERES**

Nesta seção, apresentamos as reflexões e análises feitas a partir das narrativas das professoras da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo que foram produzidas através do roteiro de entrevista que era composto por cinco questões norteadoras. São elas: *Descreva sua trajetória como professora; Na sua opinião, quais são os espaços de formação?; O que você entende sobre formação continuada; De que maneira a formação continuada contribui para a melhoria da prática docente? A formação continuada é fundamental para a melhoria da prática docente? Por quê?; Como a formação continuada pode transformar as práticas docentes? O que é ser professor?.* Assim, procuramos apresentar modos e resultados em termos de análise a partir das narrativas e dos referenciais teóricos

estudados. Entretanto, antes de iniciarmos essas análises achamos importante narrar como essas entrevistas aconteceram no campo empírico da pesquisa.

#### **4.1 – O encontro com as professoras da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo**

Considero oportuno registrar como ocorreram meus encontros com as professoras na escola, no momento da realização das entrevistas e como as aproximações foram sendo construídas. De todo pesquisador se espera algum registro das observações e da análise dessas é que se chega à produção de um conhecimento.(FRANCO, 2016)

Antes de ir à escola, achei importante pesquisar um pouco sobre como um pesquisador deve se comportar e proceder no campo de pesquisa, para isso fiz algumas leituras de autores que trabalham com essa temática, como: Clandinin e Connely (2015), Franco (2016), Coutinho (2008), entre outros. Sentia um misto de ansiedade e preocupação, pois não sabia como seria recebida pelas professoras, apesar de todas elas terem concordado, posteriormente, com a participação nas entrevistas. Tinha receio de não saber a maneira adequada para conduzir a entrevista, de modo que conseguisse alcançar meus objetivos. Senti o famoso frio na barriga ao chegar à escola, mas logo fui recebida pela coordenadora de turno que me tranquilizou dizendo que todas as professoras sempre participam de pesquisas, pois outros pesquisadores já passaram pela escola. Em seguida, ela perguntou se haveria algum problema se as entrevistas fossem realizadas dentro das salas de aulas, pois estavam fazendo reposição de conteúdos porque estavam voltando de uma greve, respondi que não haveria problemas desde que os alunos não interferissem nas entrevistas. A coordenadora destacou que as turmas eram bastante tranquilas e que acreditava que não haveria problemas, mas caso necessitasse disponibilizaria uma sala para que realizasse as entrevistas. E assim, seguimos para as salas de aula.

A primeira professora a me receber foi a professora Raquel, a coordenadora me apresentou e lembrou-a que já havia preenchido um questionário para minha pesquisa e nos deixou para que pudéssemos realizar a entrevista. A professora Raquel me apresentou a turma como professora, estudante e pesquisadora, dizendo aos alunos que mesmo eu já sendo professora eu continuava estudando e que era muito importante que eles também nunca deixassem de estudar. Explicou a eles que ela ia participar de uma entrevista e que precisava da cooperação da turma fazendo silêncio.

Quando cheguei à sala percebi que a turma já estava bastante tranquila, realizando uma atividade que estava no quadro, então a minha presença não alterou o que eles já estavam fazendo, mas percebia os olhares atentos para conversa e a entrevista que estava sendo realizada com a professora. Antes de começarmos a entrevista expliquei que a entrevista seria para uma pesquisa de mestrado que estava desenvolvendo sobre formação continuada. A professora, imediatamente, falou que se interessava muito por esse tema, pois achava muito importante que os professores estivessem sempre em formação. E, assim, iniciei a entrevista, a professora mostrou-se muito tranquila ao responder as perguntas e ao final disse que gostaria muito de poder ler a pesquisa depois de pronta, pois acha importante os estudos sobre formação continuada e ressaltou que como não tem muita experiência em escola, costuma se interessar pelo tema.

Depois da entrevista da primeira professora, voltei à sala da coordenadora que me levou a segunda sala, da professora Isis, me apresentou a professora e nos deixou. Essa professora aparentava ser bem nova e parece-me um pouco apreensiva ao perguntar-lhe se gostaria de participar da entrevista, mas respondeu que sim e voltou-se para turma, me apresentou e disse que precisava que eles continuassem suas atividades em silêncio para que realizássemos a entrevista. Convidou-me para sentar junto a ela em sua mesa e eu expliquei que se tratava de uma pesquisa e que ela poderia responder tranquilamente, pois não era nada que fugisse do cotidiano dela. Os alunos continuaram tranquilamente com suas atividades e começamos a entrevista. Inicialmente, ela se mostrava um pouco tensa, escolhendo as palavras, mas no decorrer da entrevista percebi que foi relaxando e começou a responder com mais naturalidade e no final agradeceu-me por tê-la escolhido para fazer parte da pesquisa. Também fiz agradecimentos a ela e a turma e segui novamente para a sala da coordenadora que me levou a terceira professora.

Ao chegarmos à porta da sala da professora Isabela, a coordenadora sorriu pra mim e disse que aquela turma não era tão calminha quanto às outras e em seguida chamou a professora na porta da sala. Ao abrir a porta e ver a coordenadora, a professora olhou para os alunos que estavam conversando e disse: - Olha quem está aqui! Os alunos então começaram a ficar em silêncio e a coordenadora disse que qualquer coisa era só chamá-la, e disse que após essa entrevista poderia seguir para próxima sala que estaria lá desenvolvendo uma atividade com a turma. Depois da saída da coordenadora, fui apresentada a professora e convidada a entrar na sala. A professora me apresentou aos alunos e pediu que ficassem em silêncio para que realizasse a entrevista. Essa professora parecia ser bastante enérgica com os

alunos e demonstrava certa insatisfação com a turma, chegou a falar que alguns eram mal educados e que ela tinha que desenvolver múltiplos papéis dentro da sala de aula. No decorrer da entrevista, pude perceber que essa professora estava bastante preocupada com o futuro dos alunos, em relação aos estudos e as coisas que acontecem na sociedade, ressaltando que via televisão, acessava as redes sociais para saber lidar com seus alunos e com os problemas do cotidiano.

Ao chegar à sala da professora Rosane, fui recebida por ela mesma que já estava ciente da minha chegada, a coordenadora estava sentada com alguns alunos auxiliando-os em suas atividades. A professora chamou-me para um canto da sala para realizarmos a entrevista, expliquei do que se trata e essa pareceu um pouco apreensiva, sendo bem sucinta em suas respostas não prolongando os assuntos, demonstrando não estar muito confortável com a entrevista, mesmo assim, foi muito cordial. Ao final da entrevista me desejou uma boa pesquisa e que estava disponível caso eu precisasse voltar.

A última entrevista ocorreu em outro dia, pois a professora Rebeca estava de licença médica. No meu retorno à escola fui novamente recebida pela coordenadora que me levou até a sala de informática, pois a professora Rebeca estava junto com outra professora realizando uma atividade. Ao chegar à sala me apresentou as professoras, expliquei sobre como seria a entrevista e a professora Rebeca me perguntou se a outra professora poderia continuar na sala, não vi problema algum que a outra professora estivesse presente na sala, pois a mesma estava concentrada em sua atividade no computador e não ia interferir na entrevista. A professora Rebeca mostrou-se muito entusiasmada com a entrevista, respondendo com muito prazer e atenção. Ao final da entrevista, disse que tinha muita vontade de fazer mestrado e achou muito interessante a minha pesquisa, ressaltando que gostaria de lê-la e, gentilmente, disse que caso eu precisasse voltar mais vezes estaria a meu dispor.

A partir desses encontros, tive a oportunidade de conhecer um pouco sobre a trajetória de vida e profissional de cada professora, observando a maneira como se relacionavam com seus alunos e comigo que estava na posição de pesquisadora, mas que também partilhava das mesmas experiências. Foi preciso ter cuidado para não interromper ou influenciar na narrativa das professoras, pois em muitos momentos tive vontade de relatar minhas experiências, mas foi necessário exercitar o que tinha lido a respeito de saber ouvir, foi preciso compreender e esperar as pausas e os silêncios como sinal de término das narrativas e o momento de seguir com outro questionamento.

Alves (2003) *apud* Franco (2016) em uma crônica faz uma reflexão sobre saber escutar:

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória. Mas acho que ninguém vai se matricular. (ALVES, 2003, p.63)

Essa crônica de Alves remete muito a realidade do professor que está acostumado a falar o tempo todo e, por vezes, esquece de ouvir, não só ouvir seus alunos como também seus pares. Ali eu estava na condição de pesquisadora, mas minha natureza é ser professora então foi um exercício e tanto, pois sabia que era preciso ouvir mais que falar, dar voz a essas professoras que tinham histórias maravilhosas a serem contadas. Bragança (2014) afirma que a relação dialética entre a palavra dada e a escuta, implica em que a palavra não é mais a propriedade de quem fala, ao se dar coloca-se em um círculo virtuoso capaz de gerar novas interpretações, uma história que assim se abre.

Foi muito interessante esse encontro com as professoras, o que de início se mostrava um pouco tenso, ao final foi totalmente prazeroso, fiquei com vontade de conversar mais, isso, foi uma conversa, não apenas uma entrevista, pois em muitos momentos sentia que elas estavam a vontade narrando suas histórias para alguém que não fazia parte de seu cotidiano, mas que estava atenta ao ouvi-las o que as estimulavam a contar mais.

Faz parte da pesquisa analisar as narrativas que foram produzidas através dessas entrevistas com as professoras. Então, seguimos para o próximo tópico tecendo as análises e as reflexões das narrativas construídas a partir desses encontros.

#### **4.2 - Motivações para a escolha da profissão docente**

Com base nas narrativas docentes, buscamos compreender as motivações e as aspirações que levaram as participantes da pesquisa a escolherem a docência como profissão. Se essa surgiu pelo desejo de ser professor ou se foram influenciadas pelo meio ou por terceiros.

As docentes relataram sobre os sentimentos e os conflitos vivenciados na escolha da profissão, e é bastante interessante observar que apenas uma professora relatou que desejava ser realmente professora, mas, inicialmente, não queria ser por achar que a profissão era muito desvalorizada. As demais professoras, não tinham interesse ou desejo de pela profissão, mas os caminhos que traçaram as levaram para o exercício da mesma.

Na verdade foi uma questão de sobrevivência mesmo, meu pai disse que o jeito mais rápido de ganhar dinheiro com uma profissão era estudando e de preferência sendo professora, mas eu não exercia assim que me formei não, no curso normal não. Fiquei alguns anos parada. Na verdade, eu fui buscar outras coisas e eu gostava de música e eu me tornei primeiro professora de música, comecei sentir alguns dificuldades na hora de aplicar a metodologia da escola de música onde trabalhava e aí fazendo o curso no conservatório uma professora me orientou. Acho que de repente se você fizesse um curso de Pedagogia você ia ter facilidade de encaixar essas dificuldades. E fiz, voltei pro Rio e fiz Pedagogia e me apaixonei. E assim que terminei em 2014 fiz o concurso pra Caxias e passei logo no primeiro concurso e estamos por aqui. (Raquel)

Ao observarmos o relato da professora Raquel, podemos inferir que essa precisava de um emprego que lhe desse um bom retorno financeiro, e seu pai acreditava que para que isso acontecesse era preciso estudar e ser professora. Desse modo, percebemos que a mesma foi influenciada pela opinião do pai, mas por algum motivo, não exerceu o magistério assim que terminou o curso normal e com o passar dos anos começou a dar aula de música que era algo que gostava, mas percebeu algumas dificuldades no uso das metodologias da escola e outra professora sugeriu que ela fizesse Pedagogia para sanar essas dificuldades. Tardif (2014,p.81) afirma que a carreira é, portanto, fruto das transações contínuas entre as interações dos indivíduos e as ocupações; essas transações são recorrentes, ou seja, elas modificam a trajetória dos indivíduos bem como as ocupações que eles assumem.

Acreditamos que a opinião do pai, no momento em que ela não sabia o que fazer, foi fruto de sua experiência de vida, pois ele acreditava que os professores eram bem sucedidos, e talvez, muito valorizados, por isso, sugeriu que a filha escolhesse o magistério como profissão. Depois de algum tempo, já no exercício do magistério, uma amiga, digamos, com mais experiência aconselhou-a a fazer Pedagogia, pois percebeu que a mesma tinha algumas dificuldades com a metodologia.

A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando. O diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional(NÓVOA,1995, p.26).

Dessa forma, observamos que Raquel refletiu sobre sua prática a partir da troca de experiência com a colega de trabalho, mostrando responsabilidade e compromisso envolvidos na sua atuação como docente. Ainda em seu relato, demonstra muita satisfação por ter feito o curso de Pedagogia ao dizer que ficou apaixonada, e depois ao mencionar que conseguiu sua aprovação logo no primeiro concurso.

A professora Isis também demonstrou, em sua narrativa, ser influenciada pelo meio, e foi exatamente a palavra "influenciada" que a mesma usou para descrever como se tornou professora. Vejamos a seguir:

Eu tenho uma tia que é professora e foi, assim, a minha maior influência. A minha irmã mais velha também é professora, e eu acabei fazendo o curso normal, mas no meio do caminho eu não queria mais ser professora porque eu comecei a fazer os estágios e achei, assim, muito complicado e difícil o dia a dia na escola. Então eu desisti, mas no ano seguinte saiu o concurso para cidade que eu moro que é São Gonçalo e minha tia falou assim: - Faz! E eu fiz e passei. Aí, foi uma realidade completamente diferente do estágio, mas ainda assim, foi muito difícil. Meu aprendizado foi no caminho, não foi só a formação lá no curso normal. Eu fui tendo contato com as crianças, eu fui aprendendo, aprendendo com outros colegas, ai fui entendendo de fato o que é ser professor. (Isis)

Percebemos que a influência da família foi fundamental na escolha da carreira docente, e a mesma a partir das experiências vivenciadas em estágios a fez desistir da profissão docente, relatando ser muito difícil o dia a dia na escola, mas mesmo assim resolveu fazer um concurso que sugerido pela sua tia, passou e voltou à sala de aula como professora. Enfatiza que sua aprendizagem foi no caminho, mostrando a importância das trocas de experiências, estabelecidas não só com os professores, mas também com os alunos.

Outra professora nos revela que a escolha da profissão se deu por influência dos colegas de turma que a incentivaram para que ela se tornasse professora, pois acreditavam que a mesma tinha jeito por ter facilidade em partilhar seus conhecimentos, e então ela refletiu sobre a profissão e resolveu se tornar professora.

Eu no caso escolhi devido lá no segundo segmento eu sempre tive muita facilidade de pegar os conteúdos e tal e meus colegas, às vezes, tinham dificuldades e eu conseguia explicar a eles aquilo que, às vezes, os professores não conseguiam. Naquele momento eles começaram a falar que você poderia ser professora que tu tinha jeito e dali eu fui despertando, pensando e resolvi ser professora. (Isabela)

A professora Rosane, tem os filhos como fomentadores da carreira docente, pois ela começou a se interessar pela profissão a partir do momento em que começou a ensinar seus filhos e percebeu que gostava, então posteriormente resolveu fazer Pedagogia.

Primeiro eu me encontrei depois que tive os meus filhos, ai aquele universo infantil e você começa a se envolver, ai por estar envolvida nos trabalhos da escola eu fui percebendo que gostava disso e gostava desse mundo de ensinar, não ensinar, mas passar o conhecimento. Então, quando as crianças ficaram um pouco maiores eu resolvi fazer a faculdade de Pedagogia. Logo que acabei a faculdade eu comecei a dar aulas particulares, em casa, até as crianças atingirem uma idade que eu já pudesse sair pelo menos num período

para poder trabalhar fora. Depois fui dar aula em uma escola particular lá perto de casa. Depois vieram os concursos e eu fui fazendo um atrás do outro, atrás do outro e conforme foram me chamando eu fui entrando, já exonerei uma matrícula para vir pra cá e trabalho como orientadora em outra rede. Então é isso, e aí a gente vai ganhando maturidade e vai vivendo. (Rosane)

A última professora, em sua narrativa, nos demonstra sua vontade de ser professora, mas ao mesmo tempo tem consciência da desvalorização da profissão em nosso país e, assim, acaba adiando por um tempo esse desejo.

Eu comecei como professora de Inglês e fui buscar minha formação sempre tentando não ser professora porque a gente num país com muito pouca valorização do professor e, na verdade, eu tinha vergonha de ser professora, eu gostava muito, mas não queria ser professora, eu queria ter o prazer de ser professora. Eu primeiro fiz Engenharia, depois eu fui fazer Publicidade. Eu tinha como lazer ser professora. Depois de muito tempo lutando contra que eu decidi me assumir como professora. Então eu fui fazer Pedagogia já com quase quarenta anos de idade. Eu lamento muito, pois eu gostaria, deveria ter feito isso bem antes. (Rebeca)

A narrativa da professora Rebeca é muito interessante, pois embora com o desejo de ser professora, diferentemente das demais, tinha vergonha de exercer a profissão por considerar desvalorizada e, com isso, acabou tentando outras profissões. Depois de algum tempo, resolveu fazer Pedagogia e se tornou professora. Sendo que no início da sua fala ela diz que primeiro começou como professora de Inglês, nesse caso podemos inferir que não tinha formação específica, mas dava aulas e só há pouco tempo fez Pedagogia e passou a se ver como professora. Nesse caso, ela já era professora, mas só passou a se considerar como tal a partir do curso de Pedagogia.

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 1995, p.25).

Nesse sentido, a partir da análise das narrativas docentes e das reflexões tecidas com base nos referenciais teóricos, compreendemos que a formação não se finda com a conclusão de um curso, pois ela vai muito além, acontecendo o tempo todo e contribui na construção da identidade. Segundo Nicolodi (2011), tal como o corpo e a mente são indissociáveis, a pessoa e a profissão também o são. Ser professor é uma das identidades da pessoa, que congrega outras identidades relativas aos papéis sociais que desempenha.

Assim os relatos possibilitam enriquecer as compreensões sobre a formação da identidade docente, através dos sentidos e significados construídos pelas professoras. Nessa

direção, observamos que a maioria das professoras optou fazer a graduação em Pedagogia para se considerarem efetivamente professoras.

De acordo com Nóvoa(2003) *apud* Zancher e Pinto(2011, p.152):

O processo formativo é algo que pertence ao próprio sujeito e se inscreve num processo de ser: as vidas e as experiências, o passado, e num processo de ir sendo, os projetos, as ideias de futuro. É uma conquista feita com muitas ajudas: dos mestres, dos livros, das aulas, dos computadores, mas depende sempre de um trabalho pessoal. Ninguém forma ninguém. Cada um forma-se a si próprio.

Nessa perspectiva, entendemos que o processo de formação é constituído não só pela formação acadêmica, mas também pela reflexão crítica e pela troca de saberes e experiências, em um processo contínuo. Ressaltamos também sobre a importância da teoria e da prática na constituição das aprendizagens, evidenciando que algumas professoras destacaram a importância da formação em Pedagogia, nos permitindo pressupor o reconhecimento da teoria como fonte importante de conhecimento.

Outra questão, que consideramos significativa, está relacionada a importância dada aos alunos para a formação, pois a Isis destaca que as crianças também a ajudaram em sua formação. Assim, percebemos que a partir das experiências vivenciadas juntos com os alunos ela foi transformando suas práticas e seus saberes.

#### **4.3 - Os espaços de formação do professor**

Para discutirmos sobre os espaços de formação, interação e contexto social, recorreremos a Elias (1994) para enriquecer um pouco mais nossa reflexão sobre a construção dos saberes docentes a partir das narrativas de experiências, ampliando ainda mais o nosso olhar sobre os locais de aprendizagem que não devem estar restritos aos cursos de formação e as salas de aula.

Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer. Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas. (ELIAS, 1994, p.26-27)

Desse modo, podemos considerar que não há um espaço específico para formação do indivíduo, assim como para a formação docente, pois não é somente nos cursos de formação continuada que os professores aprendem uma nova prática, um novo conceito. Essa formação

acontece o tempo todo, seja em um curso, em uma reunião pedagógica, na sala de aula, como também em um banco de um ônibus, onde em uma conversa considerada “informal” pode estar recheada de saberes e de experiências que levam a novas práticas e novos conhecimentos.

Ao pensarmos sobre os espaços de formação, muitas vezes, nos vêm em mente a imagem de uma sala de aula, pois, comumente, é esse o lugar que consideramos como local de aprendizagem e formação. As narrativas das professoras ratificam esse pensamento, pois quase todas pensaram em cursos ou graduação como espaço privilegiado de formação, como veremos a seguir nas narrativas que comprovam esse pensamento.

O que me ajudou muito, muito, muito foi a graduação, pois quando você está na graduação muitas portas vão se abrindo, as formações continuadas. Eu fiz o curso de Pedagogia no Instituto Superior de Educação, antigo Instituto de Educação e agora é o ISERJ - Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro e lá eles já ofereciam outra formação continuada para os professores que já atuavam na rede, mas precisavam de uma graduação, e aí eu comecei a observar todas as ações que eles iam fomentando ali. Já deu pra perceber que somente a graduação realmente é muito pouco, ela sozinha não dá conta. Depois que eu estou dentro da sala de aula eu vejo a necessidade de me aprofundar mais, principalmente em matemática e na área das linguagens porque a grande dificuldade tem alunos que não desenvolveram o raciocínio lógico porque eles não lêem bem, então a coisa não flui e eles não conseguem compreender o enunciado de um problema porque simplesmente não lêem bem. Se eu leio pra eles e explico do que se trata eles dão conta de fazer. (Raquel)

A professora Raquel ao pensar em formação, fez uma relação direta com a formação acadêmica, com a graduação. Ao mesmo tempo, relaciona a formação com a formação continuada. Enfatiza que a graduação foi muito importante para ela, mas não é suficiente, pois acredita que para estar preparada para atuar com as dificuldades dos alunos precisa *aprofundar mais*, nos fazendo inferir que esse aprofundar seria participar de cursos de formação continuada.

A professora Isis também limita a concepção de formação a lugares específicos, como cursos, graduação e pós-graduação.

Os cursos, acho que assim mais efetivos, que são graduação e pós-graduação e os cursos de formação continuada que é mais pontual. (Isis)

A professora Isis acrescenta que o curso de formação continuada é mais pontual, o que podemos depreender dessa informação que seria mais específico para sua atuação na prática, contemplando o contexto que está envolvida.

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também a identidade profissional (NÓVOA, 1995,p.25).

Assim, percebemos que a formação precisa ser significativa e levar o professor a tomar consciência que ele é o principal agente de sua formação que deve refletir sobre suas práticas e (re)construir seus saberes não em cursos específicos como também no seu dia a dia em sala de aula, com o objetivo de melhorar suas práticas e, por conseguinte, a qualidade do ensino.

A professora Isabela também cita os cursos e a pós-graduação como espaço de formação, mas diferente das professoras Raquel e Isis, essa engloba a escola, apesar de não expandir sua fala em relação a essa.

Os cursos, próprias pós-graduações, a escola em si. (Isabela)

É importante destacar que a escola também é um espaço formação, como afirma Tura (2010) a escola é um local de troca de ideias, de encontros, de legitimação de práticas sociais, de interação entre gerações, de articulação entre diversos padrões culturais e modelos cognitivos. Portanto, dentro do cotidiano escolar é possível partilhar conhecimentos e saberes com seus pares, refletindo sobre os processos formativos e as práticas pedagógicas por meio das trocas de experiências. Na visão de SILVA e IGNA (2011, p. 112):

[...] as professoras são sujeitos do conhecimento e que seu trabalho cotidiano não é, apenas lugar de aplicação dos saberes produzidos por outros, mas também um espaço de produção, de transformação e mobilização de saberes que lhes são próprios, construídos e reconstruídos a partir da realidade que elas vivem nas escolas, com seus alunos e colegas.

É dentro da escola que os professores têm a possibilidade de partilhar com seus colegas, seus medos, suas dúvidas, suas possibilidades, suas conquistas, e é na interação com o outro que a formação acontece, permitindo uma reflexão sobre sua própria atuação, construindo novos significados e saberes. Nesse sentido, Barroso (1997) afirma que uma formação que faz do estabelecimento de ensino o lugar onde emergem as atividades de formação dos seus profissionais, com o fim de identificar problemas, construir soluções e definir projetos.

A professora Rosane também identifica a graduação como espaço de formação e tem consciência que ela sozinha não é o suficiente, reconhecendo que a formação pode acontecer de diversas maneiras, como observaremos a seguir:

Hoje em dia só a graduação não te dá a formação necessária, você tem que estar buscando conhecimento constantemente, o tempo todo, a gente não pode parar de estudar. Você acessa um artigo, você assina uma revista, você pega um arquivo pra ler, um livro porque a sociedade em constante movimento e a gente tem que estar em constante aprendizagem senão a gente não acompanha porque está muito dinâmico não posso ficar só naquilo que aprendi, porque o que aprendi lá atrás na minha graduação muita coisa já não consigo colocar em prática hoje em dia efetivamente, já muda. (Rosane)

Como podemos observar, essa professora efetiva uma reflexão sobre sua formação e de maneira autônoma busca melhorar suas práticas, reconhecendo que precisa estar em constante aprendizagem para acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade. Nesse sentido, Tardif (2014) evidencia que:

Um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta. (TARDIF, 2014, p.230)

Corroborando com as ideias de Tardif, consideramos que o professor precisa estar em constante aprendizagem, pois sua função como mediador do conhecimento exige que o mesmo saiba atuar com os diversos saberes. Tardif (2014) ainda acrescenta que o saber docente é um saber plural, que é oriundo da formação profissional, de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.

Entendemos que a formação inicial não é suficiente para lidar com as novas demandas da sociedade, por isso, essa professora relata que está sempre buscando livros, revistas, artigos para se manter atualizada. Isso nos mostra que não é preciso um curso específico de formação, mas sim a vontade própria do professor para construir novos saberes. Quem não acompanha as mudanças científicas e tecnológicas, prematuramente estará inabilitado para o trabalho e para a vida em sociedade que, contraditoriamente, pela própria evolução, produziu também o "não-trabalho" (FERREIRA, 2006).

Na próxima narração, a professora Rebeca acrescenta que a aprendizagem acontece em todos os lugares, formal ou informalmente. Dessa fala, podemos compreender que o

formal estaria relacionado há cursos específicos, e o informal seria em todos os momentos, na vida cotidiana.

Todos eles, formal ou informalmente a gente aprende em todos os lugares da nossa vida. Então da cozinha da nossa casa até uma sala de aula a gente aprende o tempo todo. Acho que a vida é um espaço de formação continuada. (Rebeca)

A professora Rebeca considera que há um espaço específico de formação, mas não é exclusivo, pois reconhece que há outros espaços de aprendizagem e que essa acontece o tempo todo, ou seja, em todos os momentos estamos em formação.

É importante ressaltar que observamos através das narrativas que algumas professoras destacaram a graduação e a pós-graduação como local específico de formação. Essa percepção pode ser corroborada pelo que foi expresso por Leite (2005) que é na sala de aula que o conhecimento científico se transforma em conteúdos de ensino para dinamizar as aprendizagens de todos. Assim, atribui o espaço acadêmico como o local mais importante de formação. Não estamos dizendo que não o seja, porém, há outros espaços tão importantes quanto.

Os dias atuais apresentam uma "ordem" em que as "mídias" podem, em lugar de se precipitarem sobre acontecimentos, em lugar de criá-los, de empodá-los, imprimir-lhes sua incrível dinâmica e sua capacidade de distribuir alucinantes massas de informação. (FERREIRA, 2006, p.20)

Desse modo, além dos espaços físicos de formação, contamos também com as mídias, com as tecnologias e com a educação a distância que ampliam os espaços de formação e, atualmente, estão sendo muito utilizados. Portanto, devemos considerar o ambiente digital como mais um espaço de formação não só para os docentes como também para os alunos, onde são realizadas diversas trocas de experiências que proporcionam a produção de novos conhecimentos e (re)construção de saberes.

É oportuno ressaltar que a sociedade também deve ser considerada como um espaço de formação, pois inseridos nela que desenvolvemos nossos saberes, nossas culturas, nossos valores, nossas crenças, nossas práticas e, assim, construímos a nossa identidade.

#### **4.4 - Concepções docentes sobre formação continuada**

No tópico anterior, a maioria das professoras pensou em formação relacionando-a com a formação continuada, mas ao indagarmos sobre o que elas entendem sobre formação

continuada, a maioria respondeu que é não parar de estudar. Levando-nos a considerar que se remeteram a palavra continuada como algo que não tem fim. Como veremos a seguir:

Não parar de estudar nunca. Gastar todas as nossas férias fazendo cursos e mais cursos e correndo atrás mesmo. As universidades oferecem uma gama muito grande de curso, nos temos um grupo na escola de Whats App que tem sempre alguma coisa, tem sempre alguém que sabe alguma coisa que conhece alguma coisa, tem sempre alguma coisa sendo oferecida e ai a gente consegue melhorar um pouquinho a prática da sala de aula a partir desse momento, dessa busca. (Raquel)

Essa professora, começa com uma frase muito significativa que é "*Não parar de estudar nunca.*" compreendemos que ela entende que a formação nunca termina, e de fato não termina, pois estamos em constante processo de aprendizagem. Moita (2013) destaca que um percurso de vida é assim um *percurso* de formação, no sentido em que é um *processo* de formação. A professora Raquel ainda acrescenta que está sempre buscando fazer os cursos, até mesmo nas férias e sempre troca informações com o grupo da escola a respeito das formações continuadas. Desse modo, percebemos a importância que essa professora dá a formação continuada e a relaciona com a melhoria de sua prática de ensino.

A professora Isis faz reflexão mais aprofundada sobre a formação continuada, destacando os locais que são oferecidas, o tempo e os profissionais que oferecem essas formações, como veremos a seguir:

Pra mim, formação continuada, esses cursos que geralmente as prefeituras disponibilizam ou então as faculdades que, às vezes, levam um tempo, uns meses, ou um dia, mas eu acho que um dia é muito pouco, muito superficial, pois em um dia a gente não aprende tanto, acho que coisas do dia a dia. Eu valorizo muito quando a pessoa que está dando esse curso sabe o que está falando, porque está vivenciando. Eu acho muito complicado quando a gente chega nesses cursos e a pessoa que está falando deu aula há quinhentos anos atrás e não sabe como esta a realidade da escola de hoje. Eu tenho a experiência que fiz o PNAIC que foi há dois anos sobre os iniciais e foi super produtivo e eu consegui aprender muito, principalmente com a troca que a gente tinha com as outras professoras das outras escolas, acho que o principal foi a troca, eu valorizo muito a formação, é isso, é esse espaço que a pessoa leciona, mas a gente tá ali com outros professores discutindo a nossa realidade. (Isis)

Como podemos observar, essa professora problematiza a questão da experiência do professor formador quando diz que "*Eu valorizo muito quando a pessoa que está dando esse curso sabe o que está falando, porque está vivenciando.*" Dando a entender que essa pessoa de fato atua em sala de aula, e não está passando apenas uma teoria descontextualizada.

Partindo dessa mesma perspectiva incluímos os argumentos de Dermartini (2008) sobre a relação que estabelecemos com as histórias de vida dos outros.

A história de vida dos "outros" permite que a comparação se dê entre os próprios pares, ou entre aqueles que se encontram distanciados pelo tempo, pelo espaço, pela cultura. A reflexão sobre processos formativos e práticas pedagógicas por meio da comparação da experiência própria com experiências de outros permite uma ampliação dos olhares sobre o campo pedagógico. (DERMARTINI, 2008,p. 49)

Nesse sentido, consideramos que a professora Isis valoriza as experiências cotidianas que são apresentadas pelo professor formador, pois ela pode relacionar o conhecimento partilhado com o seu contexto, com sua prática, fazendo uma autoanálise e dando significado aos novos saberes.

A professora Isabela, assim como, a professora Raquel também tem a concepção que a formação continuada é não parar de estudar, estar sempre se atualizando.

Você não parar, você estar sempre se atualizando, estão sempre novos cursos, a gente não parar. (Isabela)

Seguindo essa mesma concepção, a Rosane, também enfatiza que formação continuada é sempre estar estudando, cita cursos de mestrado e doutorado, leituras e também acrescenta a importância de estar conectada as redes sociais para compreender o que os alunos estão vivenciando dentro e fora da escola, nos levando a compreensão que entende que as redes sociais também podem ser consideradas como espaço de formação e troca de conhecimentos.

É a busca sempre de você estudar, não só assim pra fazer um curso de mestrado ou doutorado, mas você estar sempre lendo, se atualizando, sempre assistindo, por exemplo, um documentário, sempre atento a tudo, com as coisas que estão acontecendo. Por exemplo, esse jogo baleia azul se a gente não estiver conectada a gente não sabe o que vai acontecer com nosso aluno, então a gente tem que estar um pouco dentro do que as mídias sociais, dos grupos, do facebook e estar sempre ligado, antenado com o mundo. (Rosane)

A professora Rebeca também afirma que é estudar todos os dias, assim como as demais professoras, acrescentando que esse estudo pode ser pela internet ou através da troca com outras pessoas que ela julga saber mais que ela.

Eu acho que é estudar todos os dias, ou seja, através da internet ou na troca com quem sabe mais que você, seja estar sempre em constante aprendizagem. (Rebeca)

Como podemos observar, todas as professoras têm consciência que a formação continuada deve acontecer a todo o momento e que essa pode ocorrer de diversas maneiras. Reconhecem também que o professor precisa buscar novos conhecimentos para adquirir novas práticas e atuar de maneira significativa com seus alunos.

A formação continuada é uma realidade no panorama educacional brasileiro e mundial, não só como uma exigência que se faz devido aos avanços da ciência e da tecnologia que se processam nas últimas décadas, mas como uma nova categoria que passou a existir no mercado da formação contínua e que, por isso, necessita ser repensada cotidianamente no sentido de melhor atender à legítima e digna formação humana. (FERREIRA, 2006, p.19-20)

Assim, podemos afirmar que a formação continuada deve ter como referência o contexto o qual o professor está inserido, pois os conhecimentos partilhados devem estar em consonância com a vivência do professor, pois não basta que a SME ofereça um curso de formação continuada se esse não condiz com a realidade do professor e da escola que ele atua. Portanto, a formação continuada precisa estar pautada na reflexão da ação docente e no fomento da construção de novas práticas pedagógicas.

#### **4.5 – A formação continuada e a melhoria da prática docente**

Ao elaborarmos a *questão “A formação continuada é fundamental para a melhoria da prática docente?”*, tínhamos como objetivo observar se as professores reconheciam a importância da formação continuada como elemento importante no desenvolvimento profissional que fosse capaz de melhorar e transformar a prática docente.

Ao analisarmos as narrativas, observamos que todas as professoras afirmaram que a formação continuada é fundamental para a melhoria da prática, mas podemos inferir que algumas relacionaram a questão da melhoria da prática ao acompanhamento das novas tecnologias e as demandas advindas da sociedade, não como um aprimoramento do trabalho pedagógico. Não queremos dizer que o uso das novas tecnologias não seja um aprimoramento do trabalho pedagógico, mas não é somente isso, pois o professor pode continuar dando as mesmas aulas, repetindo as mesmas práticas, utilizando novos recursos tecnológicos.

Como observamos a seguir, a professora Raquel afirma veemente que a formação continuada é fundamental para a melhoria da prática, ressaltando que somente a graduação

não é suficiente para atuar no dia a dia em sala de aula, fazendo até mesmo um desabafo ao falar que poderia cruzar os braços porque não ganha para isso, mas ela acredita que pode mudar, então continua seguindo e acreditando.

Sim, sem dúvida. A graduação foi só o ponto de partida, de verdade só o ponto de partida mesmo. As demandas que a gente encontra no dia a dia, na sala de aula, e nas diferentes comunidades que a gente atua, são elas que vão nos dar o direcionamento. Acho que a gente pode cruzar os braços e não fazer nada, não ganho pra isso, e é verdade mesmo que a gente não ganha pra isso, mas aí eu volto a dizer que é a questão do acreditar que quando a gente acredita a gente vai atrás. (Raquel)

Nesse contexto, Fusari(1988) *apud* Santana e Noffs (2016, p.47) lembra que é fundamental que o professor assuma a dimensão individual do seu processo de educação em serviço, mediante compromisso com seu próprio desenvolvimento, que vai abarcar o conjunto de sua prática social como cidadão. Desse modo, compreendemos que é isso que a professora Raquel quis dizer, que apesar de algumas insatisfações ela segue acreditando e fazendo a sua própria mudança.

A professora Isis, também afirma que formação continuada é fundamental para a melhoria da prática e acredita que a busca e a troca de conhecimentos também são importantes para a melhoria dessa prática, como veremos a seguir.

Sim, com certeza. Acho que a busca pelo conhecimento acho que gente... é, é isso, a busca e a troca. Eu valorizo muito a troca de conhecimentos, ela é muito importante para a melhoria da prática. (Isis)

Para Imbernón (2010), a troca de dúvidas com outros, contradições, problemas, sucessos, fracassos é importante na formação dos indivíduos e em seu desenvolvimento pessoal e profissional. Desta forma, percebemos que essa professora tem consciência que a formação não é construída individualmente, pois reconhece a importância da troca de saberes e experiências como parte importante no seu processo de construção de conhecimentos.

Como as demais professoras, a professora Isabela também diz que a formação continuada é fundamental, pois acredita que ela serve para acompanhar os processos de mudança. Esses “processos de mudança” citados pela professora nos remete as tecnologias que estão cada vez mais presentes na vida dos educandos e as redes sociais que também fazem parte do dia a dia nas escolas.

Muito, ela é fundamental.  
Por quê?

Justamente para o professor acompanhar os processos de mudança. (Isabela)

Nesse caso, a professora Isabela como também as demais professoras acham muito importante estar atentas a essas mudanças para interagirem melhor com seus alunos, de maneira atualizada e, assim, despertar o interesse dos alunos.

A professora Rosane acaba complementando o que as outras professoras afirmaram e faz uma análise muito interessante sobre o professor, criando a palavra “professouro”, referindo-se ao professor que não se atualiza, que tem uma prática tradicional, reconhecendo a importância da atualização constante para atuar com as demandas da sociedade.

É fundamental porque senão você não é um professor você é um "professouro" fica engessado, numa prática pedagógica que ficou lá atrás, por exemplo, a tradicional hoje em dia não dá mais para ser tradicional porque os alunos são diferentes, então você deve estar em constante movimento, em constante transformação. Você não pode ficar preso só aquilo, a minha e assim só no quadro, e, às vezes, a gente marca um planejamento e a gente fura porque não dá certo porque chega um aluno contando uma coisa diferente que aconteceu na comunidade, que mataram um e etc, etc, a gente sabe que acontece. (Rosane)

As autoras Santana e Noffs (2016), afirmam o quanto é importante que o professor seja um pesquisador de sua própria prática:

O professor não pode parar no tempo e espaço. Precisa ter consciência de que o processo ensino-aprendizagem é dinâmico e necessita de constantes reformulações, a fim de acompanhar as transformações e os avanços científicos e tecnológicos. Nessa direção, é preciso que o professor seja permanentemente pesquisador de sua prática e não somente transmissor de conhecimento. (Santana e Noffs, 2016, p. 52.)

Dessa forma, a formação continuada se apresenta como ferramenta importante para que os professores através dela reflitam sobre as mudanças que acontecem na sociedade que interferem diretamente na educação e na escola, possibilitando rever suas práticas e transformá-las para que se ofereça um ensino significativo. Josso (2009) complementa nosso pensamento ao afirmar que os professores devem cultivar o seu imaginário e sua capacidade de imaginação, para se tornarem “bons educadores”, ajustados, por um lado, à formação pessoal (existencial) dos alunos e, por outro, aos recursos que eles precisam na sociedade em que vivem.

#### **4.6 – Reflexões sobre a construção dos saberes docentes e a formação continuada**

Como já discutido anteriormente, sabemos que a formação inicial não é suficiente para a construção dos saberes docentes, pois essa construção não se finda. Portanto, neste tópico

iremos refletir sobre a construção dos saberes docentes com base na formação continuada. Para tal, mais uma vez analisaremos as narrativas das docentes para compreendermos como essa construção de fato acontece na vida dos professores.

A primeira professora, Raquel, revela em seu discurso que a troca de experiências com outros pares é muito importante, pois através dessas é capaz de resolver situações semelhantes as suas, ressalta também que os materiais oferecidos são importantes na construção dos saberes.

Ela me possibilita experiências outras e principalmente as trocas com outros colegas, colegas que também estão dentro da sala de aula que já passaram por situações semelhantes e que a necessidade fez com que eles criassem recursos outros pra dar conta daquela demanda. Então, é principalmente o material que é oferecido nessas ocasiões, mas muito a troca com outros profissionais que estão vivendo a mesma coisa que eu também estou vivenciando. (Raquel)

Imbernón (2010) afirma que a colaboração é um processo que pode ajudar a entender a complexidade do trabalho educativo e dar respostas melhores às situações problemáticas da prática. Assim, podemos compreender melhor quando a professora Raquel ressalta a troca de experiências com outros colegas, pois através desse processo colaborativo ambos podem encontrar soluções para os desafios e dificuldades encontradas.

A professora Isis considera que os cursos são importantes, pois através deles pode refletir sobre suas práticas e sozinha não conseguiria. Observamos que os cursos permitem a essa professora novos olhares, novas ideias, utilização de novas metodologias e, assim, consegue alcançar os seus objetivos.

Acho que especializa a gente, acho que quando, por exemplo, usando o exemplo do PNAIC quando a gente trabalhou a parte da matemática, aqueles encontros iam me mostrando coisas que eu podia fazer na sala de aula para sanar as dificuldades dos meus alunos que, às vezes, eram dificuldades que eu sozinha ficava pensando o que posso fazer. Então, a utilização dos jogos, novas metodologias, recursos que a gente pode trabalhar e usar isso na sala de aula e trazer resultados positivos, ela especializa a gente. (Isis)

A professora Isabela acredita que a formação continuada é importante para que o professor acompanhe as evoluções que acontecem diariamente e auxilia para que esteja sempre inovando, usando também a expressão “formar-se continuamente”, nos remetendo a ideia de continuidade na formação, ou seja, que a formação não tem fim.

Contribui que você não parar no tempo, as coisas estão sempre em evolução e então formar-se continuamente, continuamente, ajuda no caso de você estar sempre inovando.(Isabela)

É valido ressaltar que é importante termos consciência que a formação continuada vai além da “atualização” do professor, pois muitas vezes pensamos nela apenas para atuar com as tecnologias e algumas demandas da sociedade e esquecemos que ela também é importante na formação pessoal do profissional docente, tornando-o agente de sua prática, consciente de seu papel na sociedade.

Imbernón (2010) destaca que:

Trata-se de abandonar o conceito tradicional de que a formação continuada de professores é atualização científica, didática e psicopedagógica, que pode ser recebida mediante certificados de estudos ou de participação em cursos de instituições superiores, de sujeitos ignorantes, em benefício da forte crença de que esta formação continuada deve gerar modalidades que ajudem os professores a descobrir sua teoria, organizá-la, a fundamentá-la, a revisá-la e a destruí-la ou construí-la de novo.[...] mas, sim, comprometer-se com uma formação dirigida a um sujeito que tem capacidades de processamento de informação, de análise e reflexão crítica, de decisão racional, de avaliação de processos e reformulação de projetos, tanto laborais quanto sociais e educacionais, em seu contexto com seus colegas. (IMBERNÓN, 2010, p.47)

Portanto, é necessário pensar em uma formação continuada que não seja aquela voltada para o treinamento em serviço, como em alguns casos. A professora Isabel, em sua fala, cita momentos vivenciados em cursos de formação continuada e ressalta que a troca de experiências é importante, pois ela se reconhece como professora discutindo os assuntos que fazem parte de seu cotidiano, por isso, acreditamos que esse tipo de formação seja mais significativo porque a faz refletir sobre sua própria prática e dessa forma, transformá-la.

A ele sempre traz essa troca de experiências, quando a gente vai para um curso de formação continuada a gente acha que aqueles problemas e interrogações são sempre só nossas, mas ai a gente encontra uma colega que está com o mesmo problema e a gente sente um alívio que não estamos sozinhas, estamos no mesmo barco e a gente consegue trocar experiências. De repente o que deu certo com ela pode dar certo comigo e vice versa. (Rosane)

Como podemos observar, várias professoras falaram que a troca de experiências é fundamental para a construção dos saberes docentes. Josso (2009) acrescenta que:

A experiência é produzida por uma vivência que escolhemos ou aceitamos como fonte de aprendizagem particular ou formação de vida. Isto significa que temos de fazer um trabalho de reflexões sobre o que foi vivenciado e nomear o que foi aprendido. Todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências. É por isso que o desafio das

situações educativas se encontra na imaginação de formas de aprendizagem que vão surpreendendo o aprendiz. (JOSSO, 2009, p.137)

Assim, entendemos que as professoras valorizam mais os momentos de trocas de experiências e as formações que acontecem de maneira dialógica, participativa, onde podem discutir, em grupo, situações, saberes e aprendizagens a partir da reflexão sobre suas próprias práticas.

#### **4.7 – A formação continuada e a transformação das práticas docentes**

Sabemos que a transformação das práticas docentes não acontece de uma hora para outra, pois é algo complexo que envolve muitas reflexões e mudanças na vida do professor. Não basta que o professor participe de um curso de formação continuada que a sua prática vai ser transformada.

Vasconcellos (2014) destaca que:

Percebemos que o problema do conhecimento não se encontra restrito à técnica, pois podemos, por exemplo, ouvir a exposição de uma pessoa e aprendermos muito; de outro lado, podemos participar de um esquema todo de dinâmicas de grupo e não aproveitarmos quase nada. Isto porque a questão é mais profunda e vai além da técnica: é uma questão que envolve o sujeito como um todo – seu pensar, sentir e agir. A construção do conhecimento não depende da técnica em si, mas do elo significativo que se estabelece, ou não, entre a ação do sujeito e o objeto que lhe é dado a conhecer (ação + significação). (VASCONCELLOS, 2014, p. 112)

Desse modo, compreendemos que não são as novas técnicas e metodologias que farão com que as práticas sejam modificadas e sim a reflexão que o professor faz essas. Portanto, formar um professor como um profissional prático-reflexivo que se defronta com situações de incerteza, contextualizadas e únicas, que recorre à investigação como uma forma de decidir e intervir praticamente em tais situações. (Imbernón, 2016)

Como já discutido nos tópicos anteriores, a professora Raquel também menciona a troca de experiências como fundamental para a transformação das práticas docentes, reconhece a importância do conhecimento teórico, mas ratifica que é através da troca de experiências que essa prática se transforma.

A troca é fundamental, quando eu estou na minha prática quando ela é voltada para a área da música eu também observo isso. Eu trabalho com pessoas que experimentaram aquela mesma dificuldade ou talvez não, mas a partir da minha fala a gente começa a pensar junto outras possibilidades então é muito mais. A gente tem aquele arcabouço teórico que vai dar o ponta pé pra gente fazer acontecer, bom eu vou seguir por esse caminho ou

por esse outro, mas fundamentalmente as experiências que a gente vai trocando nesses momentos. (Raquel)

A professora Isis segue por outro caminho, pensa na sensibilidade, acreditamos no sentindo do professor refletir sobre suas práticas e reconhecer que essas precisam ser modificadas.

Acho que precisa ter sensibilidade, precisa entender que tem alguma coisa que não está caminhando bem e que precisa da sensibilidade pra conseguir identificar o que não está trazendo resultado positivo e se deixar transformar, essa ressignificação de ser professor. (Isis)

Segundo Kemmis (1985, p. 149) apud Contreras (2012, p.180):

A reflexão não é um processo mecânico nem tampouco um exercício puramente criativo na construção de novas idéias; é uma prática que expressa nosso poder para reconstituir a vida social pela forma de participação por meio da convivência, da tomada de decisões ou da ação social. (KEMMIS, 1985, p.149)

Assim, a partir da observação das práticas de seus pares e da reflexão sobre sua própria atuação como docente, o professor deve reavaliar seu trabalho e ter consciência que é preciso modificar suas práticas para que alcance seus objetivos.

A professora Isabela cita o programa PNAIC como um exemplo prático de uma nova maneira de ensinar que modificou a sua prática, em seu discurso afirma que *a formação continuada vai dando meios para você trabalhar dessa forma diferente, transformando a sua maneira de atuar*, desse modo inferimos que essa professora reconhece que há realmente uma transformação e que essa é possível.

No nosso caso com o PNAIC, por exemplo, a gente tinha muito a questão do ensino tradicional, e vem assim tudo muito novo e você fica pensando como vou aplicar isso. A formação continuada vai dando os meios para você trabalhar dessa forma diferente, transformando a sua maneira de atuar. (Isabela)

A outra professora, a professora Rosane vê a transformação no sentindo mudar seu olhar no relacionamento com os alunos e com as famílias, buscando resolver as situações do dia a dia e tentar melhorar sua maneira de ensinar.

Transformar? No sentido de melhorar essa relação de professor e aluno, a família. Entender melhor essas dinâmicas que acontecem no dia a dia, essas nuances. Como é que eu posso trabalhar com a tabuada se eu tenho um aluno que não almoçou em casa e que vem com fome, eu preciso dar conta disso e a formação continuada a gente troca experiências com outros e tenta resolver os problemas e, com isso, a gente vai transformando a nossa prática para melhorar o ensino. (Rosane)

A professora Rebeca mostra-se entusiasmada ao falar sobre as transformações da prática a partir da formação continuada, mostrando o quanto ela é importante na sua vida pessoal e profissional, pois demonstra aumento em sua autoestima ao falar sobre o assunto, pois se sente renovada quando participa de cursos de formação continuada.

De forma mais célere! A formação faz com que a gente se renove, principalmente, pra mim que estou mais pros cinqüenta que pros vinte, faz com que você sinta recém formada o tempo inteiro que você esteja, antenado, a formação continuada ela traz essa novidade o tempo inteiro. Acho super relevante e não tem como em nenhuma área de formação qual for você achar que porque você já tem anos de prática você não precisa estar sempre se atualizando. (Rebeca)

Desse modo, percebemos que as professoras reconhecem que a formação continuada é capaz de transformar a prática pedagógica, ressaltando mais uma vez a troca de experiências como elemento importante nessa transformação. Santana e Noffs (2016) afirmam que:

O espaço de formação continuada possibilita ao educador adquirir novos conhecimentos, socializar experiências com os seus pares e, de modo contextualizado, abordar novas aprendizagens, que tenham significado com a vida e a realidade dos educandos. ( SANTANA e NOFFS, 2016, p.67)

Portanto, a formação continuada contribui para que os professores ampliem e transformem suas práticas a partir de uma reflexão crítica. Como afirma Zainco (2006), um professor em sintonia com seu tempo deverá ter, como horizonte de aperfeiçoamento, um processo de aprendizagem contínua, estando em condições de responder às demandas e os desafios do tempo presente.

Como afirmam Feldfeber e Imen *apud* Ferreira (2006, p.183) a mudança educativa, às vezes, pode vir imposta pelo governo, mas o aperfeiçoamento profissional é algo inerente ao próprio profissional. Em outras palavras, o professor é o principal responsável pela sua formação profissional, pois não basta que os cursos sejam oferecidos, ele precisa ter iniciativa e ter vontade de participar. Porém, não devemos deixar de considerar que muitos professores querem participar dos cursos de formação continuada, mas, às vezes, por falta informação, incentivo da gestão escolar e de tempo porque muitas vezes trabalham em mais de uma escola, ou até mesmo por condições financeiras acabam não conseguindo participar das formações.

Outra questão importante é que nem sempre os professores interessados podem participar dos cursos de formação, pois não há vagas suficientes. Temos como exemplo a rede que estamos pesquisando que informa no site da Secretaria Municipal de Educação de

Duque de Caxias e ratificado pela coordenadora da escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo que as vagas são limitadas e o critério para preenchimento é através a ordem de inscrição feita através do site. Esses cursos são divulgados no site da SME e através de Ofícios encaminhados pela SME para todas as escolas da rede.

É válido também destacar que alguns professores têm a possibilidade de participar dos processos de formação, mas não tem interesse e não participam devido a experiências anteriores, onde o curso ou oficina de formação continuada não condizia com sua realidade e sua prática. Como muito bem exemplificado por Imbernón (2010):

Historicamente, os processos de formação foram realizados para dar solução a problemas genéricos, uniformes, padronizados. Tentava-se responder a problemas que se supunham comuns aos professores, os quais deveriam ser resolvidos mediante a solução genérica dada pelos especialistas no processo de formação. Isso acarretou para os processos de formação algumas modalidades em que predomina uma grande descontextualização do ensino, dos contextos reais dos educadores, já que para diferentes problemas educativos era sugerida a mesma solução, permanecendo-se à margem da situação geográfica, social e educativa concreta do professor e de quais fossem as circunstâncias de tal problema educacional (IMBERNÓN, 2010 p.53).

É evidente que não podemos tratar todas as situações e problemas da mesma maneira, pois sabemos que cada escola e cada turma têm a sua especificidade, e essas devem ser respeitadas. É claro que não estamos falando que a formação precisa ser específica para cada escola ou turma, mas essa deve levar em consideração o contexto a qual está inserida, como já discutido anteriormente.

Outro fator relevante que contribui para o desinteresse dos professores para realizarem os cursos de formação continuada é que durante muito tempo a formação tratada como uma espécie de treinamento de habilidades, práticas e competências que deveriam ser aprendidas pelos professores para que esses pudessem alcançar os objetivos propostos pelas escolas ou pelas secretarias de educação.

Imbernón (2010) faz algumas considerações importantes a respeito da formação como treinamento, como veremos a seguir:

A concepção básica que apoia o "treinamento" é a de que existe uma série de comportamentos e técnicas que merecem ser reproduzidos pelos professores nas aulas, de forma que, para aprendê-los, são utilizadas modalidades como cursos, seminários dirigidos, oficinas com especialistas ou como se queira denominá-los. Neles a ideia que predomina é a de que os significados e as relações das práticas educacionais devem ser transmitidos verticalmente por

um especialista que soluciona os problemas sofridos por outras pessoas: os professores. (IMBERNÓN, 2010, p.54)

Como podemos observar, a formação centrada na técnica, onde os especialistas "treinavam" os professores para que esses aplicassem as técnicas em sala de aula, não faz mais parte da nossa realidade, pois nos últimos anos estamos tendo avanços consideráveis em relação a formação docente. Imbernón (2010) construiu um quadro que nos mostra as evoluções ocorridas a partir da década de 1980 até os dias atuais, em relação ao conceito de conhecimento e o de formação.

**Quadro 2 - Relação entre o conceito de conhecimento e formação**

Anos	Formas de ver o conhecimento formador nos professores	Formas de ver a formação dos professores	Metáforas
...1980...	Uma informação científica, cultural ou psicopedagógica para transmitir.	Um produto assimilável de forma individual, mediante conferências ou cursos ditados.	Metáfora do produto que se deve aplicar nas salas de aula. Época de busca de receitas. A formação "salva tudo".
...1990...	O desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, destrezas e atitudes profissionais para mudar as salas de aula.	Um processo de assimilar estratégias, para mudar os esquemas pessoais e práticos da interpretação dos professores, mediante seminários e oficinas.	Metáfora do processo. Época curricular que inunda tudo.
...2000...	Compartilhar significados no contexto educacional para mudar as instituições educacionais.	Criação de espaços e recursos para construir aprendizagem, mediante projetos de inovação e intercâmbio nas escolas. Processos de prática reflexiva.	Metáfora da construção. Época de novas redes de formação presencial e virtuais.
...Rumo ao futuro (ou ao desejado)	Construção coletiva com todos os agentes sociais, para mudar a realidade educativa e social.	Elaboração de projetos de transformação, com a intervenção da comunidade, e pesquisas sobre a prática.	Metáfora da subjetividade, da intersubjetividade, do dialogismo. Época de novas alternativas e participação da comunidade.

Fonte: IMBERNÓN (2010, p.24)

Corroborando com as concepções de Imbernón, compreendemos que a formação dos professores, na atualidade, deve atender aos novos desafios concebidos pela educação, no qual

exige maior participação da comunidade escolar e da sociedade. Dessa forma, professores acabam acumulando diversas responsabilidades, pois não além do compartilhamento dos conteúdos, os professores também trabalhavam com as novas demandas da sociedade que se fazem presentes dentro do contexto escolar como: o uso das novas tecnologias, participação em redes sociais, o fomento da integração social, da inclusão, entre outras coisas. De acordo com Santana e Noffs (2016):

Ser professor, no mundo contemporâneo e na escola brasileira, significa contribuir para a formação de cidadãos capazes de construir alternativas e saídas para as provocações que lhes são colocados no cotidiano. Implica um maior domínio das informações que circulam em distintos campos, assim como os aparentes limites das diferentes áreas do conhecimento e a compreensão das relações existentes entre eles. Significa estar comprometido com a permanente construção da escola e de sua dinâmica, compartilhando seu coletivo e compreendendo historicamente o espaço onde atuam seus alunos, os conhecimentos que trazem e suas expectativas. (SANTANA e NOFFS, 2016, p.45)

Assim, ratificamos nosso pensamento que a formação continuada deve contribuir para a reflexão do trabalho docente e (re)construção das práticas, pois essa deve ser considerada com é um elemento importante no desenvolvimento profissional. A formação tem como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, realizando um processo constante de autoavaliação que oriente seu trabalho (Imbernón, 2011).

Ainda seguindo essa perspectiva, Imbernón(2010) acrescenta que:

A mudança, no futuro da formação continuada, passa pela atitude dos professores de assumirem a condição de serem sujeitos da formação, intersujeitos com seus colegas, em razão de aceitarem uma identidade pessoal e profissional e não serem um mero instrumento nas mãos de outros. (IMBERNÓN, 2010, p.81)

Isso significa que a formação continuada deve ser concebida como um espaço qualificado para o aperfeiçoamento dos professores, onde sejam realizadas reflexões e discussões que contribuam para a construção de novos saberes e novos conhecimentos. Sabemos que a sociedade está em constante mudança, não só tecnológica como também sociocultural, por isso os professores precisam estar em constante atualização, pois desempenham um importante papel na educação e, por conseguinte, na sociedade.

Assim, a formação continuada deve contribuir para que possamos refletir sobre diversas dimensões, sejam elas conceituais, procedimentais ou atitudinais, nos possibilitando

estar atualizados e enfrentarmos de maneira consciente as transformações que acontecem no espaço escolar, modificando nossas práticas e ressignificando nossos saberes.

De acordo com Santana e Noffs (2016):

Pensar a formação do professor é pensar a formação do ser humano, que gera mudança e aprimoramento da condição humana, como expressão de busca de um mundo melhor e de uma melhor convivência entre as pessoas. (SANTANA e NOFFS, 2016, p.47)

Desse modo, precisamos considerar o professor como sujeito do conhecimento que está em constante aprendizagem, levando em consideração suas evoluções e concretizações. Educar não se restringe a repassar informações ou conhecimentos, é preciso também orientar a pessoa a tomar consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade, disponibilizando diversas ferramentas para que esses possam escolher o caminho que for compatível com os seus valores, sua visão de mundo e com as demais circunstâncias que irá encontrar.

## CONCLUSÃO

Nossa investigação teve como objetivo principal analisar de que maneira a formação continuada contribui para a transformação da prática docente. Para alcançarmos nosso objetivo, utilizamos as narrativas docentes como pesquisa, pois através das histórias e experiências vivenciadas pelos professores participantes da pesquisa e do referencial teórico estudado, tivemos a oportunidade de refletimos sobre a formação continuada e sua função como um dos elementos fundamentais para a melhoria da prática de ensino. Nosso intuito, não era de realizar uma crítica em relação à atuação dos docentes, em uma apresentação acadêmica, mas sim procurar atingir uma observação detalhada sobre suas concepções em relação à formação continuada e a transformação das práticas.

De acordo com Tardif (2014):

O professor é considerado o sujeito ativo de sua própria prática. Ele aborda sua prática e a organiza a partir de sua vivência, de sua história de vida, de sua afetividade e de seus valores. Seus saberes são enraizados em sua história de vida e em sua experiência do ofício de professor (TARDIF, 2014, p.232).

Desse modo, foi de fundamental importância o estudo das narrativas docentes, pois através dessas podemos conhecer um pouco das histórias de vidas das professoras

participantes da pesquisa e refletir sobre suas concepções a respeito da profissão docente, da formação continuada e da transformação da prática pedagógica. Então, através da análise das narrativas das professoras da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo, buscamos uma reflexão a partir da seguinte questão norteadora de nossa pesquisa: *Como a formação continuada pode contribuir para a transformação da prática docente?*

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi fundamental o estudo de um amplo referencial teórico que nos serviu de aporte para a construção de nosso texto, dentre diversos autores destacamos Clandinin e Connelly (2015) que foram fundamentais na compreensão sobre a pesquisa narrativa, Imbernón(2010) e Nóvoa (2013) que discutem a formação do professor e importância da formação continuada, Josso(2009) e Souza e Mignot(2008) que estabelecem uma reflexão sobre as histórias de vida e experiências dos professores, Barbier (2002) que nos traz o conceito de escuta sensível, entre outros importantes pesquisadores que ao longo do texto fundamentam nossa pesquisa.

A partir das narrativas analisadas, observamos que as professoras reconhecem que a formação continuada é importante para a transformação das práticas docentes, enfatizando que além dos cursos oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação há também outros espaços de formação que são fundamentais para a construção dos saberes pedagógicos. As professoras ressaltaram com muita ênfase a questão da troca de experiências como sendo um dos elementos mais importante na transformação das práticas.

Desse modo, compreendemos que a formação docente pode ser considerada como um movimento de construção e reconstrução contínua que envolve múltiplos conhecimentos e saberes que podem ser desenvolvidos em cursos específicos de formação continuada ou em outros espaços que não são necessariamente formais, reconhecendo que a troca de experiências e saberes com outras pessoas que também não precisa ser somente outros professores é muito importante na transformação das práticas docentes.

Com isso, ratificamos nossa premissa que o professor deve estar em constante formação, pois a sociedade se transforma diariamente e esse precisa acompanhar essas mudanças. Paulo Freire afirma que:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. (FREIRE, 2011, p. 25 – 26)

Desse modo, destacamos também que não há um lugar específico para que a formação aconteça, pois muitas vezes pensamos que só há formação quando estamos dentro das salas de aula, de maneira formal, estudando uma determinada disciplina, mas na realidade a formação acontece em vários momentos do nosso dia a dia e de diversas maneiras.

Dermatini (2008) afirma que:

As histórias de vida dos “outros” permite que a comparação se dê entre os próprios pares, ou entre aqueles que se encontram distanciados pelo tempo, pelo espaço, pela cultura. A reflexão sobre processos formativos e práticas pedagógicas por meio da comparação da experiência própria com experiências de outros permite uma ampliação dos olhares sobre o campo pedagógico. (DERMATINI, 2008, p.49)

Nessa perspectiva, Imbernón (2010) acrescenta que é importante aprender em um ambiente de colaboração, de diálogo profissional e de interação social: compartilhar problemas, fracassos e sucessos. Criar um clima de escuta ativa e de comunicação. Nesse sentido, a interdisciplinaridade faz parte desse momento de troca de saberes e de experiências.

A construção do conhecimento é sempre do sujeito, mas nunca só dele; o homem é sempre formado pelo social (podemos dizer que ninguém aprende nada absolutamente sozinho); na verdade, na relação de conhecimento tanto o sujeito como objeto são plasmados, determinados pelo social. (VASCONCELLOS, 2014,p.103)

Portanto, como podemos observar a formação não se restringe aos cursos específicos de formação continuada, ela vai muito além, está presente em nosso dia a dia, onde as informações, conhecimentos e experiências são compartilhados com nossos pares. Não estamos mais limitados ao conhecimento enciclopédico, onde as informações estavam contidas apenas em livros, nas bibliotecas e em disciplinas específicas. Assim, compreendemos que o professor, precisa ter consciência que é necessário ressignificar suas práticas, mas sabemos que esse reconhecimento não é tão simples assim.

A mudança em qualquer pessoa nunca é simples, conseqüentemente, a mudança que se pede aos professores na formação não é simples, mas, sim, um processo complexo (embora, às vezes, uma certa simplificação pode ser necessária de forma relativa). É complexo, porque se trata de mudança nos processos que estão incorporados, como o conhecimento da matéria, da didática, dos estudantes, dos contextos, dos valores, etc., que estão ancorados na cultura profissional que atua como filtro para interpretar a realidade. (IMBERNÓN, 2010,p.100)

Desse modo, entendemos que muitas vezes é preciso transformar as práticas docentes, pois essas em alguns casos se tornam obsoletas, mas devemos respeitar o tempo de cada professor e estimulá-lo para que ele reconheça que a transformação, por vezes, é necessária. Acreditamos que as histórias de vidas e as experiências partilhadas no cotidiano escolar e na sociedade como um todo, possam ser consideradas como um recurso facilitador na tomada de consciência do professor que através de uma reflexão crítica sobre sua realidade possa reconhecer que ele é o principal responsável pela mudança de suas práticas.

Assim, esperamos que os resultados desta pesquisa contribuam para a problematização acerca da formação continuada na vida dos docentes, levando pesquisadores, professores e demais agentes da escola a refletirem e discutirem sobre a importância da transformação das práticas docentes e cada vez mais melhorar a qualidade do ensino.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maira H. M. Barreto, BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza e ARAÚJO, Mairce da Silva. Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões. Curitiba: CRV, 2014.

ABRAHÃO, M.H.M.B. Fontes orais, escritas e (áudio)visuais em pesquisa (auto)biográfica: palavra dada, escuta (atenta), compreensão cênica. O studium e o punctum possíveis. In: ABRAHÃO, M,H.M.B., BRAGANÇA, I.F.de S., ARAÚJO, M. da S. Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões. Curitiba: CRV, 2014.

ALVES, Nilda. Formação de professores: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. A estética da criação verbal. São Paulo: WMF Martinsfontes, 2017.

BARBIER, René. Escuta sensível na formação de profissionais de saúde. Conference à l'Ecole Supérieure de Sciences de La Santé, 2002.

BARREIRO, C. B. Pesquisas narrativas, biográficas e autobiográficas: investigando conceitos nas pesquisas do V CIPA. In: ABRAHÃO, M,H.M.B., BRAGANÇA, I.F.de S., ARAÚJO, M. da S. Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões. Curitiba: CRV, 2014.

BARROSO, J. Formação, projeto e desenvolvimento organizacional: formação e situações de trabalho. Portugal: Porto Editora, 1997.

BENJAMIM, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRAGANÇA, Inês F. de S. Pesquisa-Formação (auto)biografia: reflexões sobre a narrativa oral como fonte e compreensão cênica como caminho de análise. In: ABRAHÃO, M,H.M.B.,

BRAGANÇA, I.F.de S., ARAÚJO, M. da S. Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões. Curitiba: CRV, 2014.

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CLANDININ E CONNELLY. Pesquisa narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis, 2014.

CONTRERAS, José. A autonomia de professores. São Paulo: Cortez, 2012.

DERMARTINI, Z. de B. F. Das histórias de vida às histórias de formação. In: SOUZA, E. C. de. e MIGNOT, A. C. V. História de vida e formação de professores. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FELDMANN, Marina Graziela. (Org.). Formação de professores e escola na contemporaneidade. São Paulo: Senac, 1999.

FERREIRA, Aurélio. B. de. H. Mini Aurélio - O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, C. R. Labirinto de perguntas: reflexões sobre a formação de professores na e a partir da escola. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Tese (Doutorado em Educação).2013.

FERREIRA, Naura S.C. Formação continuada e gestão da educação. São Paulo: Cortez, 2006.

FRANCO, Luciana de O. P. Por uma política da narratividade: pensando a escrita no trabalho de pesquisa. Niterói: Eduff, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

IMBERNÓN, Francisco. Formação continuada de professores. Porto Alegre: Artmed, 2010.

IMBERNÓN, Francisco. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2011.

IMBERNÓN, Francisco. Qualidade do ensino e formação do professorado: uma mudança necessária. São Paulo: Cortez, 2016.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Genebra, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Revista Ambiente educação, São Paulo, v.2, n.2, dezembro, 2009.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LEITE, C. Percursos e tendências recente da formação de professores em Portugal. Revista Educação, n.3, 2005.

LIBÂNEO, J.C., OLIVEIRA, J.F., TOSCHI, M.S. Educação escolar: Políticas, Estrutura e Organização. São Paulo: Cortez, 2012.

MATTAR, João. Web 2.0 e Redes Sociais na Educação. São Paulo: Artesanato Cultural, 2013.

MELLO, D.M. Histórias de subversão do currículo, conflitos e resistências: buscando espaço para a formação do professor na aula de Língua Inglesa do curso de Letras. PUC/SP, 2004.

MIZUKAMI, M. da Graça N. Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação. São Paulo: EdUFSCar, 2002.

MOITA, M.da C. Percursos de formação e transformação. In: NÓVOA, António. Vida de professores. Lisboa: Porto Editora, 2013.

NICOLODI, Suzana. C. F. A constituição da docência na educação profissionalizante de ensino médio. In: ZANCHET, Beatriz. M. B. A., PINTO, Maria. G. C. da M.G., FORSTER, Mari. M. dos S., FAGUNDES, Maurício, C, V. Processos e Práticas na formação de professores. Brasília: Liber Livros, 2011.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1995.

NÓVOA, António. Vida de professores. Lisboa: Porto Editora, 2013.

PAZ, Octavio. O arco e a lira. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PORTO, Tania Maria Esperon. As tecnologias estão nas escolas. E agora, o que fazer com elas? in FANTIN, Monica, RIVOLTELLA, Pier Cesare. Cultura digital e escola: Pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012.

Revista Pilares da História, ANO II, nº3, dezembro de 2003.

SANTANA, Terezinha, NOFFS, Neide. Formação continuada de professores: práticas de ensino e transposição didática. Curitiba: Appris, 2016.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Plano Municipal de Educação. Duque de Caxias, 2015. Disponível em: [www.smeduquedecaxias.rj.gov.br](http://www.smeduquedecaxias.rj.gov.br)

SOUZA, E. C. de. e MIGNOT, A. C. V. História de vida e formação de professores. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2014.

TURA, M.de L. R. Conhecimentos escolares e a circularidade entre culturas. In: LOPES, A.C. e MACEDO, E. Currículo: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2010.

VILAÇA, M. L.C; ARAUJO, E.V.F. Tecnologia, Sociedade e Educação na Era Digital. Duque de Caxias: Editora, 2016.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Construção do conhecimento em sala de aula. São Paulo: Libertad, 2014.

ZAINKO, M.A.S. Desafio da Universidade Contemporânea: o processo de formação continuada dos profissionais da educação. In: FERREIRA, Naura S.C. Formação continuada e gestão da educação. São Paulo: Cortez, 2006.

ZANCHET, Beatriz. M. B. A., PINTO, Maria. G. C. da M.G., FORSTER, Mari. M. dos S., FAGUNDES, Maurício, C, V. Processos e Práticas na formação de professores. Brasília: Liber Livros, 2011.

<https://centrodememoriadaeducacao.com/pesquisas/historia-das-instituicoes-educativas/escola-municipal-expedicionario-de-araujo/> - Acesso em 10 de agosto de 2017.

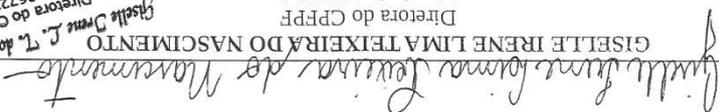
[www.barbier-rd.non.fr/escutasensivel.pdf](http://www.barbier-rd.non.fr/escutasensivel.pdf) - Acesso em 20 de dezembro de 2017.

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3276.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3276.htm) - Acesso em 16 de outubro de 2017.

<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/portalsme/cpfpf/> - Acesso em 15 de março de 2017.

## ANEXOS

CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO CONTINUADA PAULO FREIRE (CPFF)  
Rua Prefeito José Carlos Lacerda, 1422 - 3º ANDAR - 25 de agosto - Duque de Caxias / RJ.  
CEP: 25.071-120 - Tel.: 3652-6221 / 2771-5870 R.223- E-mail: cpff@smeducacaxias.rj.gov.br

  
GISELE IRENE LIMA TEIXEIRA DO NASCIMENTO  
Diretora do CPFF  
Matrícula: 06723-0  
Giselle Irene Lima Teixeira do Nascimento  
Diretora do CPFF  
Mat. 06723-0

É o parecer,  
Cordialmente,

Com base na avaliação criteriosa das informações apresentadas nos documentos, AUTORIZA-SE a solicitação de pesquisa, pois atende aos requisitos estabelecidos nas normas de decoro e adequabilidade para a pesquisa dentro de nossa rede. Caso necessário, a qualquer momento poderemos revogar esta autorização, se comprovadas atividades que causem prejuízo a esta instituição. Declaramos também que não recebemos qualquer tipo de pagamento por esta autorização bem como os participantes da pesquisa também não o receberão.

### DA CONCLUSÃO

Após análise do projeto "Professores em Formação: uma discussão sobre formação continuada e transformação das práticas docentes" constatou-se que este visa analisar de que maneira a formação continuada contribui para a transformação da prática docente dentro outros objetivos. Caso sejam feitas entrevistas com menores de idade, solicita-se, para aplicação do questionário de pesquisa, a inclusão de uma autorização de seu responsável, permitindo o tratamento dos dados fornecidos pelo aluno.

### DA ANÁLISE

De acordo com as atribuições deste Centro de Pesquisa e tendo sido observada a documentação anexa, as autorizações em nossa rede são concedidas nos casos em que forem respeitadas as normas de decoro e adequabilidade aos critérios definidos por este setor.

### DAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Paracer no: 05/17 - CPFF/SME-DC  
Requerente: Sydna Meire Faustino Feliciano  
Universidade ou agência associada: Unigranrio  
Assunto: Solicitação de autorização para pesquisa de campo

Duque de Caxias, 7 de março de 2017

PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
SUBSECRETARIA DE ENSINO (SSE)  
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO CONTINUADA PAULO FREIRE



Duque de Caxias, 22 de junho de 2017.

Do: Comitê de Ética em Pesquisa da UNIGRANRIO

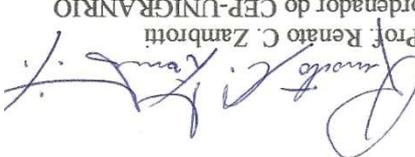
Para pesquisadora Principal: Sydna Meire Faustino Feliciano

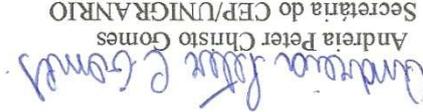
Orientadora: Profa. Dra. Jurema Rosa Lopes

O Comitê de Ética em Pesquisa da UNIGRANRIO, após avaliação considerou aprovado o projeto de pesquisa "PROFESSORES EM FORMAÇÃO: UMA DISCUSSÃO SOBRE FORMAÇÃO CONTINUADA E TRANSFORMAÇÃO DAS PRÁTICAS DOCENTES", protocolado sob o número de CAE 66588717,9.0000.5283, encontrando-se a referida pesquisa e o Termo de consentimento Livre e Esclarecido em conformidade com a Resolução N.º 466, de 12 de Dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, sobre pesquisa envolvendo seres humanos.

Os pesquisadores deverão informar ao Comitê de Ética qualquer acontecimento ocorrido no decorrer da pesquisa.

O Comitê de Ética em Pesquisa solicita a V. Sª, que ao término da pesquisa, conforme cronograma apresentado, encaminhe a este comitê um sumário dos resultados do projeto, a fim de que seja expedido o certificado de aprovação final.

Prof. Renato C. Zambrotti  
  
Coordenador do CEP-UNIGRANRIO

Andraea Peter Christo Gomes  
  
Secretária do CEP/UNIGRANRIO

## APÊNDICE: A

### Modelo de Questionário



Prezado (a) professor (a).

Este material destina-se exclusivamente para a pesquisa "**Professores em formação: Uma discussão sobre formação continuada e transformação das práticas docentes**" desenvolvida dentro do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade. E tem por objetivo analisar de que maneira a formação continuada contribui para a transformação da prática docente.

<b>I - Informações Gerais</b>	
Nome:	
Endereço:	
Telefone:	
Idade:	Sexo:
<b>II - Caracterização Profissional</b>	
Formação Acadêmica	Curso:
	Nome da Instituição:
	Data da Conclusão da graduação(mês/ano):
Trabalho atual	<input type="checkbox"/> Escola Pública Municipal
	<input type="checkbox"/> Escola Pública Municipal e Estadual
	<input type="checkbox"/> Escola Pública Municipal e Rede Particular
	<input type="checkbox"/> Escola Pública Municipal, Estadual e Rede Particular
Tempo de Magistério	<input type="checkbox"/> 1 a 5 anos
	<input type="checkbox"/> 5 a 10 anos
	<input type="checkbox"/> 10 a 15 anos
	<input type="checkbox"/> acima de 15 anos
Turno/Período de trabalho	<input type="checkbox"/> Manhã
	<input type="checkbox"/> Tarde
	<input type="checkbox"/> Noite
Há quanto tempo atua como professor (a) no município de Duque de Caxias?	
Você costuma participar dos cursos de Formação Continuada oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
Após sua formação acadêmica (graduação) você tem feito outras atividades de Formação Continuada (Cursos, Palestras, Seminários, Congressos) relacionados à sua atualização profissional como educador, além dos cursos oferecidos pelo município? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	

Está garantido o direito de anonimato dos participantes.

**Pesquisador Responsável:** Sydna Meire Faustino Feliciano

**APÊNDICE: B**

### **Modelo de Roteiro para Entrevista**



- 1 - O que você entende por ser professor?
- 2 - De que maneira a formação continuada contribui para a construção dos saberes docentes?
- 3 - O que você entende por espaços de formação continuada?
- 4 - A formação continuada é fundamental para a melhoria da prática docente? Por quê?
- 5 - Como a formação continuada pode transformar as práticas docentes?
- 6 - Ao planejar suas aulas, você utiliza novas práticas de ensino adquiridas a partir dos momentos vivenciados nos cursos de formação continuada? Descreva.
- 7 - Quando planeja suas aulas, você leva em consideração as trocas de experiências compartilhadas com os demais colegas de trabalho? Descreva.
- 8 - Descreva sua trajetória como professor.

**Pesquisador Responsável:** Sydna Meire Faustino Feliciano

## **APÊNDICE: C**

### **Transcrição das entrevistas**

A seguir serão transcritas na íntegra as entrevistas realizadas com as professoras da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo, que foram realizadas dentro das próprias salas de aula.

#### Raquel

##### **1) Descreva sua trajetória como professora.**

Na verdade foi uma questão de sobrevivência mesmo, meu pai disse que o jeito mais rápido de ganhar dinheiro com uma profissão era estudando e de preferência sendo professora, mas eu não exercia assim que me formei não, no curso normal não fiquei uns anos parada na verdade eu fui buscar outras coisas e eu gostava de música e aí eu me tornei primeiro professora de música, comecei sentir algumas dificuldades na hora de aplicar a metodologia da escola de música onde trabalhava e aí fazendo o curso no conservatório uma professora me orientou. Acho que de repente se você fizesse um curso de pedagogia você ia ter facilidade de encaixar essas dificuldades. E aí fiz, voltei pro Rio e fiz pedagogia e me apaixonei. E assim que terminei em 2014 fiz o concurso pra cá Caxias e passei logo no primeiro concurso e aí estamos por aqui.

##### **Então você nunca tinha dado aula em uma escola de ensino regular?**

Não, só a partir de 2014 foi quando eu comecei a trabalhar em Caxias. Só a partir de 2014

##### **2) Para você o que é ser professor?**

É remar contra a maré, principalmente nesses dias aqui em Caxias a gente tem vivido isso, remar contra a maré, é acreditar quando tudo tá dando errado, quando o aluno não consegue aprender, não tem o recurso, acreditar que tem algum jeito possível pra se fazer e quando a gente tem alunos com um comprometimento muito grande isso obriga a gente a buscar mais, não dar pra acomodar porque tem um que aprende só porque ouvi uma vez e deu conta e o outro precisa que você sente ao lado dele e tem uns que

precisa que você pegue na mãozinha dele, basicamente pra mim é isso, acreditar que é possível.

### **Então a palavra que você definiria como ser professor seria?**

Acreditar, ser professor é acreditar.

### **3) Na sua opinião quais são os espaços de formação?**

O que me ajudou muito, muito, muito foi a graduação, pois quando você esta na graduação muitas portas vão se abrindo, das formações continuadas, eu fiz o curso de pedagogia no Instituto superior de educação, antigo instituto de educação e agora é o ISERJ Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro e lá eles já ofereciam uma outra formação continuada para os professores que já atuavam na rede, mas precisavam de uma graduação, e ai eu comecei a observar todas as ações que eles iam fomentando ali e ali já deu pra perceber que somente a graduação realmente é muito pouco, ela sozinha não da conta. Depois que eu estou dentro da sala de aula eu vejo a necessidade de me aprofundar mais, principalmente em matemática e na área das linguagens porque a grande dificuldade tem alunos que não desenvolveram o raciocínio lógico porque eles não lêem bem então a coisa não flui e eles não conseguem compreender o enunciado de um problema porque simplesmente não lêem bem se eu leio pra eles e explico do que se trata eles dão conta de fazer.

### **4) O que você entende sobre formação continuada?**

Não parar de estudar nunca. Gastar todas as nossas férias fazendo cursos e mais cursos e correndo atrás mesmo. As universidades oferecem uma gama muito grande de curso, nos temos um grupo na escola de WhatsApp que tem sempre alguma coisa, tem sempre alguém que sabe alguma coisa que conhece alguma coisa tem sempre alguma coisa sendo oferecida e ai a gente consegue melhorar um pouquinho a prática da sala de aula a partir desse momento, dessa busca.

### **5)A formação continuada seria fundamental para a melhoria da prática?**

Sim, sem dúvida. A graduação foi só o ponto de partida, de verdade só o ponto de partida mesmo. as demandas que a gente encontra no dia a dia, na sala de aula nas diferentes comunidades que a gente atua são elas que vão nos dar o direcionamento acho que a gente pode cruzar os braços e não fazer nada e não ganho pra isso e é verdade mesmo que a gente não ganha pra isso, mas aí eu volto a dizer que é a questão do acreditar que quando a gente acredita a gente vai atrás.

## **6) De que maneira a formação continuada contribuiu para a construção dos saberes docentes?**

Ela me possibilita experiências outras e principalmente as trocas com outros colegas, colegas que também estão dentro da sala de aula que já passaram por situações semelhantes e que a necessidade fez com que eles criassem recursos outros pra dar conta daquela demanda então é principalmente o material que é oferecido nessas ocasiões, mas muito a troca com outros profissionais que estão vivendo a mesma coisa que eu também estou vivenciando.

## **7) Como a formação continuada pode transformar as práticas docentes?**

A troca é fundamental, quando eu to na minha prática quando ela é voltada para a área da música eu também observo isso. Eu trabalho com pessoas que experimentaram aquela mesma dificuldade ou talvez não, mas a partir da minha fala a gente começa a pensar junto outras possibilidades então é muito mais a gente tem aquele arcabouço teórico que vai dar o ponta pé pra gente fazer acontecer, bom eu por seguir por esse caminho ou por esse outro, mas fundamentalmente as experiências que a gente vai trocando nesses momentos.

Isis

### **1) Descreva sua trajetória como professora.**

Eu tenho uma tia que ela é Rebeca foi assim a maior influência, a minha irmã mais velha também que também se tornou Rebeca eu acabei fazendo o curso normal, mas no meio do caminho eu não queria mais ser porque eu comecei a fazer estágios e achei assim muito complicado e difícil o dia a dia na escola e ai eu desisti e no ano seguinte saiu o concurso para cidade que eu moro que é São Gonçalo e minha tia falou assim faz, e eu fiz e passei. e ai, foi uma realidade completamente diferente do estágio, mas ainda assim foi muito difícil, meu aprendizado foi no caminho, não foi só a formação lá no curso normal. eu fui tendo contato com as crianças eu fui aprendendo, aprendendo com outros colegas, ai fui entendendo de fato o que é ser professor.

### **2) Para você o que é ser professor?**

Eu acho que é levar formação, acho que é conseguir formar minimamente esses alunos pra vida, não só pro mercado de trabalho.

### **3) Na sua opinião quais são os espaços de formação?**

O espaço da escola como um todo, qualquer ambiente da escola, não só a sala de aula, a biblioteca, a sala de vídeo, sala de informática, e também os espaços fora da escola. Eles aprendem até em casa então, mas enquanto escola acho muito importante também tirar eles da sala de aula, levar para outros ambiente mas infelizmente a gente não consegue fazer isso com frequência, mas acho isso muito válido.

### **E no seu caso, você falou da formação para os alunos, e pra você, a sua formação?**

Sim, os cursos, acho que assim mais efetivos, que são graduação e pós-graduação e os cursos de formação continuada que é mais pontual.

### **4) O que você entende sobre formação continuada?**

Pra mim, formação continuada, esses cursos que geralmente as prefeituras disponibilizam ou então as faculdades que as vezes levam um tempo, uns meses, ou um dia, mas eu acho que um dia é muito pouco, muito superficial, pois em um dia a gente não aprende tanto, acho que coisas do dia a dia, eu valorizo muito quando a pessoa que esta dando esse curso sabe o que está falando, porque esta vivenciando porque acho muito complicado que quando a gente chega nesses cursos e a pessoa que está falando deu aula a quinhentos anos atrás e não sabe como esta a realidade da escola de hoje. Eu tenho a experiência que fiz o PNAIC que foi há dois anos dos anos iniciais e foi super produtivo e eu consegui aprender muito, principalmente com a troca que a gente tinha com as outras professoras das outras escolas, acho que o principal foi a troca, eu valorizo muito a formação é isso, é esse espaço que a pessoa leciona, mas a gente tá ali com outros professores discutindo a nossa realidade.

### **5) De que maneira a formação continuada contribuiu para a construção dos saberes docentes?**

Acho que especializa a gente, acho que quando por exemplo usando o exemplo do PNAIC quando a gente trabalhou a parte da matemática, aqueles encontros iam me mostrando coisas que eu podia fazer na sala de aula para sanar as dificuldades dos meus alunos que as vezes eram dificuldades que eu sozinha ficava pensando o que posso fazer

então a utilização dos jogos, a que a gente pode trabalhar e usar isso na sala de aula e trazer resultados positivos, ela especializa a gente.

**6) A formação continuada é fundamental para a melhoria da prática docente? Por quê?**

Sim, com certeza. Acho que a busca pelo conhecimento acho que gente...a busca e a troca.

**7) Como a formação continuada pode transformar as práticas docentes?**

Acho que precisa ter sensibilidade, precisa entender que tem alguma coisa que não está caminhando bem e que precisa da sensibilidade pra conseguir identificar o que q não está trazendo resultado positivo e se deixar transformar, essa ressignificação de ser professor.

Isabela

**1) Descreva sua trajetória como professora.**

Minha trajetória como professora foi muita busca de experiência porque no início a gente começa cheia de teorias e quando vê na prática a gente percebe que não é bem aquilo que a gente vê na teoria. Buscando muitas experiências, buscando ajudas pra poder modificar, e vê o que está de errado e retirar e testando até conseguir o acerto.

**Porque você escolheu ser professora?**

Eu no caso escolhi devido lá no segundo segmento eu sempre tive muita facilidade de pegar os conteúdos e tal e meus colegas às vezes tinham dificuldades e eu conseguia explicar a eles aquilo que às vezes os professores não conseguiam. Naquele momento eles começaram a falar que você poderia ser professora dali eu fui despertando e resolvi ser professora.

**2) Para você o que é ser professor?**

É ensinar e aprender todos os dias.

**3) Na sua opinião quais são os espaços de formação?**

Os cursos, as próprias pós graduações, a escola em si.

#### **4) O que você entende sobre formação continuada?**

Você não parar, você estar sempre se atualizando, estão sempre surgindo novos cursos, a gente não parar.

#### **5) De que maneira a formação continuada contribuiu para a construção dos saberes docentes?**

Contribui que você não para no tempo, as coisas estão sempre em evolução e então formar-se continuamente, continuamente, ajuda no caso de você estar sempre inovando.

#### **6) A formação continuada é fundamental para a melhoria da prática docente? Por quê?**

Muito, ela é fundamental.

#### **Por que?**

Justamente para o professor acompanhar os processos de mudança.

#### 7) Pode

No nosso caso com o PNAIC, por exemplo, a gente tinha muito a questão do ensino tradicional, e vem assim tudo muito novo e você fica pensando como vou aplicar isso. A formação continuada vai dando os meios para você trabalhar dessa forma diferente, transformando a sua maneira de atuar.

#### Rosane

#### **1) Descreva sua trajetória como professora.**

Primeiro eu me encontrei depois que tive os meus filhos, ai aquele universo infantil e você começa a se envolver, ai por estar envolvida nos trabalhos da escola eu fui percebendo que gostava disso e gostava desse mundo de ensinar, não ensinar, mas passar o conhecimento. Então quando as crianças ficaram um pouco maiores eu resolvi fazer a faculdade de pedagogia e logo que acabei a faculdade eu comecei a dar aulas particulares em casa até as crianças atingirem uma idade que eu ja pudesse sair pelo menos num período para poder trabalhar fora e depois fui dar aula em uma escola particular lá perto de casa. Depois vieram os concursos e eu fui fazendo um atrás do outro, atrás do outro e conforme foram me chamando eu fui entrando, já exonerei uma

matrícula para vir pra cá e trabalho como orientadora em outra rede. Então é isso, e aí a gente vai ganhando maturidade e vai vivendo.

## **2) Para você o que é ser professor?**

Hoje em dia ser professor está muito complicado, a família está querendo transferir pra escola uma responsabilidade que não é nossa. Então além de eu preparar minhas aulas eu tenho que ensinar a criança a ter educação, a ter bons modos, coisas do tipo: por favor, com licença, obrigado, posso ir ao banheiro, coisas que na minha época isso já vinha de casa. Pai e mãe já ensinava isso em casa e assim o compromisso com a educação está assim muito largado. Você passa o dever de casa não vem, você passa prova não vem, não estão nem aí porque tem a certeza que no final do ano eles vão passar. Eu acho que assim, o bolsa família atrapalhou muito nesse sentido porque eles só vem para não levar falta, não é mais para estudar, é para não levar a falta para não implicar no cancelamento do bolsa família e aí começou. a gente não tem mais uma linha de ensino, é muito difícil.

### **Ser professor é...**

Hoje em dia ser professor é ser enfermeiro, médico, psiquiatra, uma série de coisas, pai, mãe, tudo! Está muito complicado, muito difícil.

## **3) Na sua opinião quais são os espaços de formação?**

Hoje em dia só a graduação não te dá a formação necessária, você tem que estar buscando conhecimento constantemente, o tempo todo, a gente não pode parar de estudar. Você acessa um artigo, você assina uma revista, você pega um arquivo pra ler, um livro porque a sociedade em constante movimento e a gente tem que estar em constante aprendizagem senão a gente não acompanha porque está muito dinâmico não posso ficar só naquilo que aprendi, porque o que aprendi lá atrás na minha graduação muita coisa já não consigo colocar em prática hoje em dia efetivamente, já muda.

## **4) O que você entende sobre formação continuada?**

Exatamente isso, a busca sempre de você estudar, não só assim pra fazer um curso de mestrado ou doutorado, mas você estar sempre lendo, se atualizando, sempre assistindo por exemplo um documentário, sempre atento a tudo, com as coisas que estão

acontecendo. Por exemplo, esse jogo baleia azul se a gente não estiver conectada a gente não sabe o que vai estar acontecendo com nosso aluno, então a gente tem que estar um pouco dentro do que as mídias sociais, dos grupos, do facebook e estar sempre ligado, antenado com o mundo.

### **5) De que maneira a formação continuada contribuiu para a construção dos saberes docentes?**

A ele sempre traz essa troca de experiências, quando a gente vai para um curso de formação continuada a gente acha que aqueles problemas e interrogações são sempre só nossas, mas aí a gente encontra uma colega que está com o mesmo problema e a gente sente um alívio que não estamos sozinhas, estamos no mesmo barco e a gente consegue trocar experiências. De repente o que deu certo com ela pode dar certo comigo e vice versa.

### **6) A formação continuada é fundamental para a melhoria da prática docente? Por quê?**

É fundamental porque senão você não é um professor você é um "professouro" fica engessado, numa prática pedagógica que ficou lá atrás. Por exemplo, o tradicional hoje em dia não dá mais para ser tradicional porque os alunos são diferentes, então você deve estar em constante movimento, em constante transformação. Você não pode ficar preso só aquilo, a minha e assim só no quadro, e as vezes a gente marca um planejamento e a gente fura porque não dá certo porque chega um aluno contando uma coisa diferente que aconteceu na comunidade, que mataram um e etc, etc, a gente sabe que acontece.

### **7) Como a formação continuada pode transformar as práticas docentes?**

Transformar? No sentido de melhorar essa relação de professor x aluno, família entender melhor essas dinâmicas que acontece nuances, como é que eu posso dar uma tabuada se eu tenho um aluno que não almoçou em casa que vem com fome.

Rebeca

#### **1) Descreva sua trajetória como professora.**

Eu comecei como professora de inglês e fui buscar minha formação sempre tentando não ser professora porque a gente num país com muito pouca valorização do professor e na verdade eu tinha vergonha de ser Rebeca gostava muito, mas não queria ser, queria ter o prazer de ser professora. Eu fiz engenharia primeiro, depois eu fui fazer

publicidade e eu tinha como lazer ser professora. e depois de muito tempo lutando contra que eu decidi me assumir como professora, então eu fui fazer pedagogia já com quase quarenta anos de idade então lamento muito, pois eu gostaria, deveria ter feito isso bem antes.

## **2) Para você o que é ser professor?**

É ter a capacidade de ensinar e aprender todos os dias com quem a gente convive.

## **3) Na sua opinião quais são os espaços de formação?**

Todos eles, formal ou informalmente a gente aprende em todos os lugares da nossa vida. então da cozinha da nossa casa até uma sala de aula a gente aprende o tempo todo. Acho que a vida é um espaço de formação continuada.

## **4) O que você entende sobre formação continuada?**

Eu acho que é estudar todos os dias, ou seja, através da internet, na troca com quem sabe mais que você seja estar sempre em constante aprendizagem.

## **5) A formação continuada seria fundamental para a melhoria da prática?**

A formação continuada permite sobre tudo você estar atualizada com aquilo que o mercado tem discutido e estar antenado com que as novas gerações tem trazido, principalmente em nível de atualização dessas discussões culturais e sociais. Faz com que, principalmente pra mim que hoje tenho trabalhado com as tecnologias digitais, faz com que você consiga fazer com que as tecnologias permeiem as discussões de uma forma mais significativa. A sociedade tem feito com que o currículo oculto tenha mais validade acima do outro, se sobressaia da abordagem curricular antiga de uma forma muito melhor.

## **6) De que maneira a formação continuada contribuiu para a construção dos saberes docentes?**

De forma mais celere! A formação faz com que a gente se nova, principalmente pra mim que estou mais pros cinquenta do que pros vinte, faz com que você sinta recém formada o tempo inteiro que você esteja, antenado, a formação continuada ela traz essa novidade o tempo inteiro. Acho super relevante e não tem como em nenhuma área de formação qual for você achar que porque você já tem anos de prática você não precisa estar sempre se atualizando.

